

ARQUIVO
BROR CHAIL

מיון / אנלוגיה שיליים
מרכז תלמי החינוך - תלמי החינוך
1954 - 1955



- VANGUARDA JUVENIL
- ICHUD HANAR HACHALUTZI
- DROR GORDONIA
-

Movimento Juvenil Chalutziano
DROR-HABONIM - BRASIL

מיון: תלמי החינוך - תלמי החינוך - תלמי החינוך - תלמי החינוך

14 : סניף - CAIXA
2055 : מ"ס - CODIGO
009-001 / 02227 : ש"ס

PASTA (9) 7



DROR
ORG JUVENIL SIONISTA SOCIALISTA DROR

ARQUIVO
BROR CHAIL

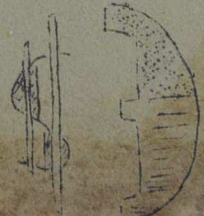
1954-1955

1946

MOVIE MOVIE



1800



9

VANGUARDA 1

JUVENIL

①

VANGUARDA

JUVENIL

גורדין - ברך - ת"פ



ICHUD HANOAR HACHALUTZI DROR GORDONIA

VINHO PARA PESACH



KIBUTZ HACHSHARA' EIN DOROT

NÃO DEIXE FALTAR A SUA
MESA NO SEDER O JÁ TRA-
DICIONAL VINHO DO KIBUTZ
HACHSHARA EIN DOROT

Peça-o nas sedes dos Snifim São Paulo — Rio de
Janeiro — Porto Alegre — Curitiba — Belo Horiz.

do

ICHUD HANOAR HACHALUTZI

VANGUARDA

N.º 1 Março-Abril 1954

Orgão do Ichud Hanor Hachalutzi

Ed. «O Novo Momento»

Pedidos e Informações:

Rua da Graça, 83 — 4.ª And.

Tel.: 34-4386 — C. P. 1.601

São Paulo

INDICE

	Pág.
Editorial	1
Herman Shapiro	2
Concepção de História e de Mundo	3
Discurso de Despedida — Ben Gurion	5
Ciência e Sociedade	7
Panorama	10
Erich Mendelsohn	14
Batnuá	16
Educação geral	19
Diário de um Pároco de Aldeia	21
Vanguarda e Massas	22
Proclamação da Histadrut	24
Anúncios	25

EDITORIAL

A publicação da «Vanguarda Juvenil» vem preencher um vazio que se fazia notar na vida judaica do Brasil. Sua vanguarda realizadora, o movimento chalutziano, calara e deixara de fazer ouvir a sua voz orientadora, voz clara e limpa que chama a juventude a seguir o caminho da luta pela nossa redenção nacional e social. E este silêncio trouxe uma maior desorientação ao já desnordeado ishuv brasileiro, principalmente no seu setor juvenil. Entre as várias revistas, expressão de correntes e grupos do judaísmo local, nenhuma havia que representasse condignamente a parte mais viva dentre eles, justamente aquela que luta pela conservação e normalização do povo judeu como tal. Das várias tentativas havidas, nenhuma conseguiu se colocar à altura de exprimir os anseios da nossa juventude, de ser a orientadora da vontade jovem de buscar caminhos.

Surge agora a «Vanguarda Juvenil», órgão central do Ichud Hanoar Hahalutz. Se externamente tem a elevada missão de levar a verdade sionista socialista aos jovens judeus, não menos importante é o seu papel interno, no movimento. Como todo organismo vivo, estamos sujeitos a toda sorte de mutações e transformações. Somos, além disso um movimento empírico. Não partimos de nada pré-estabelecido, formamo-nos e evoluímos à base da vontade e do raciocínio próprio, à custa de experiências acumuladas em anos e anos de atividade militante diária. Nossas conquistas e atitudes não são fruto de uma ou outra mente mais brilhante, mas a elas chegamos através de gradativa maturação e evolução. Esta revista pretende ser importante fator neste processo ascendente. Além de permanente material de trabalho para os chaverim do Movimento, ela será o traço de união entre as nossas gerações, elemento que a um tempo refletirá e basificará a evolução de nosso pensamento.

Este primeiro número publica-se na época em que o movimento comemora o seu primeiro aniversário de existência no Brasil, aniversário que marca o fim de um ciclo de vitórias para o judaísmo brasileiro. O estabelecimento dos garinim do Brasil em Eror-Ehail, tornando assim o primeiro filho legítimo do nosso ishuv e, gradativamente, o seu centro espiritual; a aliã de 50 chalutzim durante o ano de 1957, maior grupo daqui saído em igual período de tempo; a integração definitiva de nosso 5.º Garin na hachshara, a entrada da vanguarda do 6.º, alcançam âmbito maior que o interno no movimento. São a garantia da nossa continuidade chalutziana e a afirmação do ishuv brasileiro sobre os pontos chalutzianamente mais forte do mundo.

Consideramos a publicação dessa revista, neste 1.º de maio, outro grande acontecimento para o judaísmo brasileiro. Julgamos poder outorgar-nos o título de seus porta-vozes. Conduzimos, à sua frente, o estandarte que representa a vontade comum da sua redenção nacional para, no lado de todas as outras nações redimidas, desempenhar no mundo o seu papel na luta pela sociedade melhor, pela humanidade mais feliz.



PROF. HERMAN SHAPIRO

No dia 25 de Dezembro p. p. o corpo do Prof. Herman Shapiro, foi trasladado para Israel, onde foi exumado, no cemitério de Jerusalem, no Har Herzl. Coincidindo esta data com a comemoração do 52.º aniversário da fundação do Keren Kaiemet Leisrael, nada mais justo do que comemorar-se esta data, prestando-se uma homenagem àquele que foi o idealizador e criador do Fundo Nacional Judaico.

H. Shapiro, precursor e paladino do sionismo, nasceu em 1840, numa humilde localidade da provincia de Kovno, Rússia. Seus desejos de saber levaram-no a ingressar na Faculdade de Matemática da Universidade de Heidelberg. Seus vastos conhecimentos lhe abrem caminho para o professorado, que alcança em 1887.

Dentro de sua ciência, o Prof. Shapiro jamais esqueceu a sua condição de judeu. Respeitava e observava as tradições religiosas e nacionais, aprendidas em sua casa paterna, e compartilhava dos sofrimentos de seu povo. Estudou o Hebráico com muito carinho e dedicação. Graças a sua influência, funda-se em Heidelberg um círculo universitário «chovevel sionista». E partidário da criação de uma Universidade Hebráica, que seja uma «alta casa de ensino da Lei, das ciências e do trabalho». No primeiro Congresso Sionista expõe a sua idéa de formar, com as doações voluntárias dos judeus espalhados pelo mundo, uma espécie de «tesouro nacional judeu». As duas terças partes deste fundo deveriam ser invertidas na aquisição de terras na Palestina e o restante no cultivo das mesmas. As terras adquiridas não se venderiam, de modo a assegurar ao povo judeu a propriedade eterna do solo redimido.

«Si nossos antepassados — argumentou o Prof. Shapiro, em sua longa vida no galuth tivessem destinado, algumas somas, por insignificantes que fossem, para formar com elas um tesouro nacional, disporíamos hoje dos meios necessários para redimir grandes extensões da terra palestinense. O que não fizeram nossos pais, devemos fazê-lo agora, para nós e para nossos filhos».

A sua proposta foi recebida com simpatia benévola, mas nem sequer foi discutida e nem mereceu nenhuma revolução oficial.

Mas a semente lançada não se havia perdido completamente na aridez do entusiasmo político do momento. Esta idéa encontrou, no espírito claro de Herzl, o clima e o solo mais fecundos. Com a intuição certa de um grande estadista, anteviu Herzl o papel importantíssimo que poderia desempenhar uma instituição como a projetada pelo Prof. Shapiro, na epopéia do retorno judeu a Eretz Israel, para crear ali «não somente uma sociedade nova como também melhor».

DOCTRINA CONCEPÇÃO DE HISTORIA E DE MUNDO

Gabbi Boliaffi

Nosso movimento define-se, antes de mais nada, como «movimento educativo com finalidade política»; mas, é o IHH o único movimento educativo com finalidade política? Acreditamos que não. Na verdade, todos os movimentos educativos, e não somente os movimentos, mas todo e qualquer tipo de instituição que tem para si a tarefa de educar, encerra em si uma finalidade política que se manifesta, seja pela determinação de seus dirigentes, seja independente da vontade destes.

Entende-se por educação a preparação do indivíduo afim de que possa viver na sociedade, nela desempenhar uma função produtiva que o capacite, dentro das normas éticas e jurídicas desta sociedade, a prover sua subsistência. Mas isto a que chamamos sociedade não é, de certo, algo imutável, que teve no passado as mesmas bases morais e legais que caracterizam a atual, e nem aquelas nas quais nos é dado viver, manter-se-ão para todo o sempre. Por outro lado, pode-se, de uma forma talvez um tanto simplificada, ver na luta política o choque de duas correntes ideológicas: a primeira, procurando manter a sociedade na sua atual situação; e a segunda, procurando modificá-la; uma conservadora, outra revolucionária. Poderíamos chamar a um partido conservador de apolítico? Não, assim como não podemos considerar apartidária aquela educação que transmite a concepção de mundo da sociedade vigente.

Somos um movimento revolucionário e legamos aos nossos educandos uma concepção de vida própria, que se identifica com nossas aspirações de evolução de sociedade, e que tem suas raízes na interpretação científica dos fenômenos históricos e humanos: o Materialismo Histórico. Entretanto, não somos Materialistas Dialéticos: o movimento limita-se, em sua análise, aos problemas concretos do homem, renunciando a qualquer esquema situado no terreno filosófico-metafísico, deixando a resolução das dúvidas situadas neste setor a cargo de cada indivíduo. Esta particularidade para o movimento

marxista em última análise como o nosso, que constitui em nossa opinião um dos seus mais profundos valores, pode, aos olhos de um marxista ortodoxo parecer uma discrepância ilógica. Na verdade esta discrepância está longe de ser real, muito embora o Materialismo Dialético constitua verdadeiramente uma concepção de vida e de mundo que procura resolver todas as dúvidas do homem, seja no terreno material, seja no metafísico, e o Materialismo Histórico, uma das aplicações do método dialético, vejamos então, mais profundamente esta nossa posição.

Marx e Engels, à base de seus profundos estudos no campo da filosofia, das ciências exatas e, principalmente, em função de suas observações no terreno histórico, puderam elaborar uma verdadeira «Weltanschauung», partindo da filosofia hegeliana, separando suas bases idealistas pela sua síntese com os elementos fornecidos pelas ciências, que aplicaram a todos os problemas humanos, inclusive os metafísicos, negando a existência dos mesmos, e tentando explicar, através do desenvolvimento dialético do universo, os problemas que ainda hoje são situados no campo da metafísica, quais sejam a origem do mundo, da vida, seu significado e essência, etc.

Para o Materialismo Dialético o universo é, antes de mais nada, infinito no espaço e no tempo, fruto de um eterno e ininterrupto movimento de matéria ou energia, que vem se processando através de contradições sempre existentes em cada coisa, em cada fato, e que acabam por negar estes elementos, de uma negação, novos elementos superiores em relação ao anterior, vão resultar, e que por sua vez serão negados numa sucessão infinita de contradições. Tudo no universo, desenvolve-se neste processo de eterno movimento, que está submetido a leis determinadas; tudo é fruto deste movimento: a vida, as espécies, que se desenvolvem e modificam de acordo com o mesmo, fenômenos físico-químicos que se processam segundo suas leis (como Engels procurou demonstrar em sua obra

«Dialética da Natureza», e, enfim, a própria sociedade humana, cujo desenvolvimento não foge a este processo.

O Materialismo Histórico, como dissemos acima, consiste na aplicação do método dialético de análise à interpretação dos fenômenos históricos de longo alcance. Marx, no prefácio de sua «Contribuição à Crítica da Economia Política» deu-nos a mais completa e sintética explicação das bases do Materialismo Histórico, segundo o qual o desenvolvimento da capacidade do homem produz aquilo de que necessita para sua própria existência material, constitui a base de todo o desenvolvimento humano em todos os setores onde a ação do homem se manifesta, ou que o próprio homem se manifesta, ou que o próprio homem cria (formas ideológicas). Ao grau de desenvolvimento destas forças produtivas, correspondem, então, as relações de sociedade que os homens estabelecem entre si (relações de produção) e cada sociedade que surge, já traz em si a contradição que pelo seu desenvolvimento acabará por desenvolver-se em seu seio, negando-a e dando margem ao surgimento de novas relações sociais, isto é, de uma nova sociedade. Realmente a evolução da humanidade, desde o momento em que, com a criação de forças produtivas superiores às necessárias à subsistência individual do produtor, se dividiu em classes, foi uma contínua luta para o progresso e a libertação. Na sociedade capitalista, devido à contradição interna de todas as sociedades de classe, surge o choque entre o progresso ininterrupto das forças que tendem a elevar a quantidade e a qualidade das riquezas a disposição da humanidade, e as relações de produção — consequência do modo de propriedade dos meios de produção. Desta forma, assistimos, na atual sociedade, a contradições, como as crises, nas quais o excesso de mercadorias à disposição da sociedade, traz os períodos de mais amarga miséria que a própria sociedade conhece; e estas mesmas contradições, com a evolução da sociedade onde se desenvolveram, acabaram por negá-la, dando margem a uma nova forma de relações sociais entre os homens.

Sem discutir a qui os méritos do Materialismo Dialético, percebemos que seu

alcance, ultrapassa os objetivos visados pelo movimento, quais sejam a luta pela renovação social, o que não sucede com sua aplicação simplesmente ao processo histórico, que nos diz respeito e que endossamos. O estudo mais profundo do Materialismo Histórico pode levar à aceitação radical do método dialético, como pode deixar de levar; mas a aceitação ou não deste pensamento, por parte do movimento, em nada pode alterar suas diretrizes táticas e programáticas. Damos ao nosso chaver a completa liberdade de crença metafísica, muito embora, condenemos a religião organizada seja ela qual for, por seu caráter evidentemente conservador e reacionário, mas mesmo, não é uma forma dogmática, à priori. Recebemos no movimento, e sempre os tivemos, socialistas de todos os matizes, pois importa-nos, em última análise, que o indivíduo aceite as posições fundamentais do movimento, e não os caminhos que o levaram a isto. Assim, como temos no movimento sionistas «gordonistas», «borochovistas» ou «sirkinistas», temos socialistas «éticos», marxistas ou de qualquer outro teor se assim se formarem.

É esta amplitude de visão, que constitui, a nosso ver, o maior valor do pensamento que conseguimos cristalizar no decorrer da nossa vida ideológica, tanto mais, quando recebemos em nosso seio jovens desde os 11 anos, aos quais seria, sem dúvida, tremendamente prejudicial a evolução educativa num ambiente estreito e dogmático que fatalmente se formaria se não permitíssemos a constante liberdade de renovação de pensamento que nos caracteriza. Nesta lamentável miopia intelectual, já vimos incorrer outros movimentos ou partidos, marxistas por princípio, nos quais os conceitos do grande pensador são inculcados em mentes incapazes ainda de distinguir qualquer sistema filosófico, e muito menos o marxista. «Por isto, preferimos ser marxista por consequência de um processo educativo mais complexo, que permita ao educando conhecimentos mais amplos, de modo que, as concepções ideológicas que venha a adquirir, se ba-sifiquem numa cultura profunda e verdadeira.»

DISCURSO DE DESPEDIDA

DAVID BEN GURION



Eu creio que o governo de Israel, com um novo impulso, caminhará para o amadurecimento estatal e para a sua estabilidade interna, enraizada na vontade do povo e no poder kibutziano. A minha crença é na vontade do povo e em sua potência sem limites.

A minha fé no povo de Sion, adianta-se a minha fé no povo judeu do mundo todo. Ela não esmoreceu e nem esmorecerá. Com o surgimento do Estado, jorrou de fonte escondida, de todos os cantos do Galuth, amor profundo, revestido de orgulho e respeito para com Israel. Milhares de voluntários de 52 países participaram como combatentes do levante, e toda a dispersão judaica nos países livres, com o judaísmo americano à frente, participou com alma e dedicação na construção e no kibutz Galulot, na terra dos antepassados da nacionalidade.

Eu espero que o período de presidência atual seja de abundância econômica e moral para Israel. Eu me orgulho do fato de que em Medinat Israel está assegurada a todos os habitantes, sem diferenças de sexo, religião, raça e nacionalidade, a completa igualdade de direitos; a minoria árabe goza, em nosso Estado, de serviços educacionais, médicos, e outros benefícios, sem comparação em nenhum Estado árabe. Tenho fortes esperanças de que, mais cedo ou mais tarde, se estabelecerá a paz entre nossos vizinhos, através de um pacto árabe-judeu, em benefício do florescimento dos países do Oriente Médio, em benefício de todos os povos e da consolidação da paz no mundo.

Conhecia bem todas as divisões importantes de idéias que havia entre as diversas frações no governo provisório. Mas, acreditei todo o tempo, e creio ainda, que o que nos une é maior do que nos separa; e, se os representantes das frações soubessem diferenciar entre o importante e o detalhe, entre o primordial e o secundário, não será difícil achar uma língua comum e um programa de ação necessário a todo o povo. Apesar da dispersiva divisão partidária, estou seguro que o povo de Israel é unido por seu grande coração, mais do que parece a muitos. Eu tenho a certeza de que surgirá um governo estável, de concentração nacional para segurança do Estado,

fusão da: Diásporas, independência econômica e preparação do solo para renovação da alia de massas.

Com a renovação da fé na nossa capacidade de trabalho e na nossa responsabilidade pessoal e nacional, realizamos, nas últimas três gerações, uma obra gigantesca revolucionária; e unimos o homem espalhado e disperso por toda extensão do Galuth e o transformamos em semente frutífera e fértil de uma nacionalidade renovada, capaz de realizar o seu caminho; construímos com o trabalho de nossas mãos, em uma pátria destruída e abandonada, aldeias e cidades, plantamos vinhedos e estabelecemos fábricas; levantamos um patrimônio nacional, com a força de nosso próprio trabalho, como nunca teve o nosso povo em nenhum país por onde vagava; forjamos e desenvolvemos uma força armada judia, cheia de glória, vencedora de uma forte guerra, trazendo em seu coração a anunciação da paz; desenvolvemos um espírito vivo com uma língua antiga, não falada de há muito, e, com tribos errantes, de múltiplas línguas, fizemos um único povo, com uma língua única para todos; a língua hebraica revestiu-se de uma força cheia de juventude; e não houve um milagre como este na história dos povos. E, com a força desta obra pioneira de renovação do homem e do povo, trabalho e patrimônio, heroísmo e cultura, fomos agraciados, em nossa geração, com o ergulmento de Israel e início de Kibutz Galulot.

Tomamos, sobre nós, uma tarefa de gigantes — luta conosco mesmos com a natureza galútica, hábitos negativos, uma forma de vida estragada de povo sem pátria, disperso e dependente da generosidade alheia; luta com a natureza da terra, estéril, esgotada e destruída pelo homem e pelo céu; luta com as forças assassinas e maldosas no grande mundo, próximas e longínquas, que não compreendem e não reconhecem, nem testemunham, o espantoso em nosso povo, desde seu caminho no palco da história da humanidade na antiguidade, até nossos dias. Esta é a triplice luta. Este é o seu direito e a sua maior responsabilidade; e como não valorizar a sua grandeza? Em cada uma destas frentes houve fracassos

e perdas, mas não conhecemos fraqueza e retrocesso, e nossa luta foi coroada de vitórias e conquistas, que não conheceu o nosso povo desde os primeiros Hasmoneus. Mas, a batalha não terminou, e talvez ela esteja ainda se iniciando. Para que nossas vitórias sejam completas, precisamos saber qual é o centro mais decisivo da luta, e qual é a arma com a qual venceremos. Nêstes dias nosso olhar dirigiu-se para a frente internacional. Não desperdiçamos esta oportunidade, e estaremos firmes, com sabedoria e coragem, e com a certeza de nossa obra frente aos que nos odeiam e que nos atacam, sejam quem forem. Mas, não é esta a frente decisiva. Não é devido à filantropia de estranhos que fizemos o nosso soldado, ainda que não esqueceremos jamais toda a ajuda a nós dada em tempos diversos, e não seremos mercadores da bondade de nossos amigos no seio dos povos — e eles não são poucos; porém, nossa obra redentora não veio de fora. Ela nasceu da consciência de nossos primeiros chaltutzim, pois, não há que apoiar-se em outros, e não há o que esperar da bondade das nações; devemos sim, impôr a nós mesmos o realizar nossa redenção, fundamentalmente com nossas mãos, com nossa capacidade de produção, com o esforço de nosso trabalho, com a nossa força física e espiritual e com nosso conteúdo moral. Nossa sorte dependerá da frente interna, à frente do agrupamento de Israel e de todo homem em Israel. Nossa capacidade coletiva de realizar, com concentração as finalidades colocadas sobre o Estado — e é responsabilidade de cada um de nós fazer seu trabalho com dedicação, com utilidade e confiança em seus companheiros — somente ela assegurará nossa vitória em todas as frentes. E a primeira determinante na frente interna é a do trabalho e da colonização. Três gerações de chaltutzim, que criaram do quase nada o que existe de forma abençoada, pois com eles se levantou o Estado de Israel, demonstraram, com feitos, a capacidade maravilhosa escondida em nós, e até hoje vimos apenas uma pequena amostra. No povo que trabalha em Sion, estão escondido tesouros múltiplos e ricos de bravura, e seus habitantes esperam ainda senti-los e apalpá-los. Temos que colocar nossas mãos a trabalhar no campo e na campina, no navio e no avião, no escritório, na maabará, na escola e no acampamento militar, como nas mais capazes nações do mundo, e nós precisamos elevar o nosso trabalho e produção até o máximo de nossas possibilidades, pois que, somente com trabalho intenso edificaremos nossa segurança estatal e nossa independência econômica. Somente a natureza de nosso trabalho, sua quantidade e qualidade elevada, nos assegurarão a vitória na frente decisiva. Temos de colocar nossas

mãos, e isto demonstramos em 3 gerações com exemplos maravilhosos, a florescer o deserto e habitar o ermo, e não há missão maior para nossa geração do que esta obra fundamental dos pioneiros da colonização, dos fundadores de Petach Tikvá até os desconhecidos homens de ação nas estepes do Neguev. Só há muito tempo, e em poucos países, foi dada a oportunidade histórica para primeiras criações, para a conquista da natureza e da ciência, como nos foi dado em Israel nos nossos dias. Com uma vida de criação e heroísmo, com a luta abençoada contra as forças da natureza nas estepes do Neguev, nas alturas do Galil e nas paisagens de Jerusalém, a nossa geração se elevará à glória das gerações de Israel, ao cume da responsabilidade e à consagração da história de nosso povo, à frente do pioneirismo criador e redentor.

O presente do pioneirismo — presente glorioso da humanidade — não foi dado a poucos homens predestinados. Este presente está na alma de cada um de nós, e todo aquele que o pedir o encontrará. A essência do pioneirismo está na exigência que o homem fizer de si mesmo, antes de exigir do próximo; ele se ergue em sua vida por uma necessidade de alma; tudo que ele quiser que os outros farão também. A sabedoria do pioneirismo encontra-se no dito simples e grande de Habakuk, o profeta: «E justo em sua crença ele será»; ele não faz depender sua crença da de outros, ele não se contenta com exigências agradáveis ou severas ao próximo, ele não procura pecados estranhos, mas realiza consigo mesmo, na vida diária sua crença; ele vive nela. Os grandes deveres de nossa geração colocam sobre ela direitos obrigatórios. E a história assinará a série de nossas vitórias, se cada um de nós gravar, no seu coração as obrigações: manutenção da lei, imposto sobre a riqueza, defesa e sacrifício para com o próximo, trabalho honesto, ajuda mútua, voluntariedade pioneira, amor à Israel e comunhão humana. Cumprirá cada um com fé, na medida de suas possibilidades, os deveres como homem, como judeu, como cidadão do Estado, como representante da imagem da nacionalidade da Pátria, como participante da redenção do povo e da elevação do homem — e o nome de Israel se engrandecerá e elevará.

Nós somos um povo pequeno e modesto, apesar de não dependentes no mundo das grandes potências. Mas fomos um povo privilegiado, povo universal no reino do espírito e da visão, e ainda se nos colocará heróicas profecias nos dias que virão. Não ganhamos o Estado em vão. Nossos filhos, filhos queridos e dedicados, entregaram suas vidas no ergulimento de Israel. Seremos merecedores de sua santificada memória.

CIÊNCIA E SOCIEDADE

Jorge Mascati

Os dois grandes ramos em que se divide atualmente a ciência (Naturais ou concretas e Matemáticas ou abstratas) não representam uma divisão artificial para facilitar o seu estudo, nem são devidos às diferenças dos métodos mais frequentemente usados por eles. Reunem-se sob esse nome dois tipos de conhecimento que, tendo-se originado independentemente, tendem, hoje, a uma aproximação cada vez maior, devido ao fato do homem não poder abstrair-se da realidade que o rodeia. Por isso, suas construções abstratas acabam tendo muitos pontos em comum com os problemas reais com que deparam as ciências naturais.

Podese admitir que as ciências naturais tiveram sua origem com o homem se tomarmos, como marco fundamental para a origem do homem o período em que ele começou a raciocinar, isto é, em que deixou de agir movido unicamente pelo instinto. Quando o homem primitivo, depois de ter verificado que uma árvore, caída casualmente entre as margens de um riacho, podia facilitar-lhe a passagem de um lado ao outro, construiu uma ponte com dois troncos superpostos, de modo a suportarem uma carga maior que a suportada por um único tronco, podemos admitir que esse homem estava fazendo ciência aplicada.

As ciências abstratas, por outro lado, não tiveram oportunidade de se manifestar nesse período. O homem de então não dispunha sequer do tempo necessário, pois estava sempre ocupado com arefas essencialmente ligadas à sua subsistência. Sendo o problema das ciências abstratas um problema basicamente de tempo, é evidente que o seu aparecimento coincide com o período em que os meios de produção alcançaram um grau de evolução tal que permitisse ao homem outras ocupações além das ligadas ao seu sustento.

Em última análise, as ciências abstratas devem seu aparecimento ao desenvolvimento das ciências aplicadas, pois foram estas que permitiram a evolução

dos meios de produção. Entretanto, esta relação de causa e efeito não tira às ciências matemáticas sua independência de conteúdo. O desenvolvimento das ciências matemáticas numa determinada sociedade está, pois, intimamente ligado à sua capacidade de produção.

Uma objeção que poderia ser feita é de que, já na sociedade primitiva, o homem dedicava grande parte de suas capacidades produtivas aos ritos religiosos. Na realidade, para o homem dessa época, pedir chuva ou caça com complicados ritos era um problema comparável ao da atual construção de um canal ou da criação científica de animais. Era, pois, uma manifestação de ciência aplicada.

A evolução das ciências, em seu conteúdo, esteve sempre ligada à evolução da sociedade. A ciência aplicada desenvolveu-se em cada sociedade no sentido de tornar mais eficientes os meios de produção; igualmente as abstratas, como produto único do raciocínio, não foram menos influenciadas, pois é inconcebível que um ser humano imagine alguma coisa completamente impessoal.

Com o aparecimento do método científico para o estudo dos fenômenos da natureza, verificou-se que muitas das conquistas feitas no setor abstrato da ciência podiam ser aplicadas, com as devidas restrições e adaptações, a um ramo concreto. É a que hoje vemos: uma aplicação, cada vez mais extensa, das armas da matemática e de outras teóricas por parte de física aplicada, química, biologia, ciências sociais, cronologia política, etc.

Temos, atualmente, em nossa sociedade, um conjunto de conhecimentos que representam a quasi totalidade das conquistas feitas pela ciência, desde o seu aparecimento até hoje; uma classe de indivíduos altamente especializados trata de aumentar e por em prática esses conhecimentos; para maior facilidade de estudo dividimo-la em três grupos: a) o dos que se dedicam às ciências Naturais, b) o dos que se dedicam às ciên-

cias Matemáticas e c) o dos que se dedicam à preparação de novos indivíduos.

Como uma sociedade, em que os meios de produção se acham concentrados nas mãos de uma classe, sustenta esses indivíduos?

Dos que se dedicam às ciências aplicadas, um grupo importante trabalha no sentido de aperfeiçoar os meios de produção e as mercadorias a serem produzidas. Como os possuidores dos meios de produção têm interesse nesses conhecimentos, é consequência lógica que esse grupo seja sustentado por eles. Outra parcela, que em certos casos chega a ser quantitativamente comparável com a primeira, dedica-se ao desenvolvimento dos meios de guerra. Sendo a guerra, em determinadas ocasiões, necessária aos possuidores dos meios de produção, é evidente que esse grupo seja, nessas ocasiões, sustentado pelos que possuem esses meios. Entretanto, como nesse caso o interesse é comum a todos os possuidores dos meios de produção, é o Estado que, como representante dessa classe, mantém esses indivíduos. Finalmente, o restante do grupo que, em minoria, se dedica ao estudo de conhecimentos não ligados a um dos casos anteriores, devem inverter boa parte de seu trabalho a uma atividade que lhes retribua sustento.

Os que se dedicam às ciências abstratas são, em geral, mantidos pelo Estado, pois, como vimos, atualmente a aplicação das ciências abstratas por parte das concretas é muito extensa, ainda que de aplicação pouco específica e imediata. Constitue, portanto, um interesse comum a todos os possuidores dos meios de produção a existência de pesquisadores nesse ramo. Devemos aplicações práticas das conquistas desse ramo é feita nos meios de guerra, o que justifica com maior razão a intervenção do Estado. Uma parte desse grupo, entretanto, mantém-se por si própria.

O terceiro grupo já está, em grande parte, justificado, pois, por estar a sociedade interessada na existência de indivíduos dedicados à ciência, é evidente que ela empregue o método mais eficiente — o ensino — para a obtenção desses indivíduos. Devemos considerar ainda que, como a sociedade necessita dos que se dedicam à ciência, estes gozam de

uma situação privilegiada, e portanto desejável. Isso leva os próprios indivíduos que tomam esse caminho a terem interesse em se especializarem e, daí, sustentarem, em parte, os que os preparam.

Nas ciências abstratas vamos encontrar um certo rendimento que poderia ser melhorado, pois a maior parte dos que a ela se dedicam, mantendo-se por si próprios, poderiam produzir mais se dedicassem todo seu tempo de trabalho ao seu estudo.

Com relação aos que se dedicam à preparação de novos indivíduos vamos encontrar grandes esforços dirigidos no sentido de se preparar o maior número possível de indivíduos que sirvam aos interesses dos possuidores dos meios de produção, que mais tarde se enquadrem nas categorias a serem sustentadas por eles. E, como os que pretendem se dedicar à ciência sustentam em parte aqueles que os preparam, é imediato que um grande número de indivíduos é impedido, apesar de suas possíveis capacidades, de dedicar-se a ela. Além disso, como os que se dedicam à ciência gozam de uma situação privilegiada, muitos dos que possuem meios de recompensar seus preparadores, seguem esse ramo, apesar de não serem os mais capacitados. Temos ainda aqueles possivelmente dispostos a se dedicar aos ramos da ciência que não apresentem interesse para os possuidores dos meios de produção, mas que, entretanto, deles se afastam, a despeito das satisfações intelectuais que possam causar à sociedade.

Se todos os meios de produção pertencessem à sociedade, vejamos como esses inconvenientes desapareceriam:

Pela não necessidade de guerras, déis que se dedicam à melhoria dos processos de produção estariam possibilitados a trabalharem em conjunto. Haveria, ainda, a possibilidade da coletividade manter o grupo dos que se dedicam a pesquisas não sujeitas a aplicações imediatas, pois, estando todos esses indivíduos sujeitos a uma única organização o aparecimento de uma idéia aproveitável não mais seria um acontecimento fortuito, e sim, devido ao grande número dos que a elas se dedicariam, haveria uma produção constante, se assim se pode chamar, de idéias novas com posariam automaticamente de existir as sibilidades de aplicação à melhoria dos

meios de vida. Dá-se o mesmo no campo das ciências abstratas. Ainda, pela inexistência de privilégios para os que se dedicassem aos ramos de aplicação imediata, esses ramos não mais seriam os preferidos, e assim, cada um seguiria o ramo mais conveniente às suas capacidades.

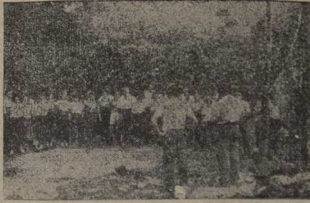
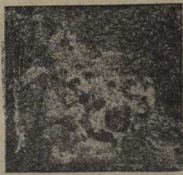
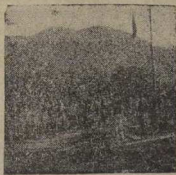
Se admitirmos que o fim último da ciência é o de melhorar os meios de vida da humanidade, verificaremos que, na sociedade atual, onde os meios de produção estão distribuídos entre um grupo de indivíduos, a ciência realiza isso apenas em parte. Ainda assim, como um simples meio de alcançar outros alvos, não como um fim. Como consequência, o rendimento é muito inferior ao que se poderia alcançar.

Vejamos porque isso se dá. Utilizando a classificação anterior concluímos que, os que se dedicam aos meios de guerra não se enquadram, de nenhuma maneira, ao fim da ciência, apesar das objeções que poderiam ser feitas considerando as aplicações civis dos meios de destruição. E, entretanto, evidente que, para se produzir algo de útil, não é

necessário aperfeiçoar meios de guerra; é perfeitamente possível alcançar os mesmos ou melhores resultados com muito menos desperdício. Os que se dedicam ao aperfeiçoamento dos meios de produção e ao estudo de novos produtos trabalham sôzinhos ou em pequenos grupos, subordinados, cada um deles, a um dos possuidores desses meios. Constituem grupos separados, e, portanto, sujeitos, além de outros inconvenientes, a se dedicarem, independentemente, a problemas iguais, o que representa, sem dúvida, uma dispersão das forças inventivas. Os que se dedicam a estudos sem aplicações práticas imediatas são, em grande maioria, desamparados, o que impede não só um desenvolvimento mais eficiente de suas idéias como também o aparecimento de trabalhos que poderiam ter aplicações úteis.

Finalmente, desaparecendo o grupo dos possuidores dos meios de produção, e, com eles, as diferenças de classe, desapareceriam as diferenças de possibilidades para os que se dedicariam à ciência, restando como único elemento seletivo o fator capacidade.

Flagrantes de nossas Machanot





PANORAMA

OREN E ORENSTEIN

Encerrou-se em Praga, o processo dos dois infelizes visitantes das «democracias populares», Oren e Orenstein. O primeiro foi condenado a 15 anos e o segundo à prisão perpétua. Não fosse o fim trágico, e não fossem homens os protagonistas, a farsa teria caráter humorístico. A «justiça» soviética mais uma vez desceu seu punho de aço, e os dois membros do Mapam pagaram as conveniências momentâneas da política interna e externa da Rússia.

Combinando a necessidade de encontrar um derivativo para as massas descontentes da arruinada Checoslováquia, com a da conquista da amizade dos povos árabes, que então estavam agitados por campanhas anti-imperialistas, o mundo da «justiça social» inscreveu, numa ofensiva anti-sionista, mais uma série de crimes no rol já extenso de seus 36 anos de existência. As necessárias confissões, testemunhas, provas etc., tudo em perfeita ordem, como nos processos anteriores. Fencem nas prisões vermelhas, vermelhas pelo sangue de suas vítimas, dois militantes que, dentro do Mapam, procuravam sê-lo do sionismo e do comunismo.

Este partido, e dentro dele sua parte mais stalinista, constituída por chaverim do Hashomer Hatzair, tomam as mais estranhas e inconsequentes posições. Negando violentamente a princípio, manifestando, ao lado das declarações de amor e fidelidade ao regime, esperanças que os libertassem imediatamente, passaram a assumir, depois, atitudes mais dóceis e servis próprias de quem não quer desagradar ao «amo». Tendo atribuído depois a um engano lamentável, que com certeza seria corrigido pela «justiça» soviética, a condenação caiu sobre êle como cruel ironia do destino, como ingrata chibatada do senhor no escravo que o adula e venera. Hoje já os chaverim do Mapam admitem a possibilidade de culpa «não intencional» de Oren e Orenstein. E' a forma de justificarem a sua dúbia posição, sua dupla lealdade, a «síntese» de duas idéias que se repelem. Reconhecer antes a culpa de seus chaverim, acusados de espionagem a soldo do imperialismo americano-jerusalémita (?) do que o caráter totalitário e contra-revolucionário

do regime soviético.

DEMOCRACIA NORTE-AMERICANA

Tragicamente, a dinâmica da história vê confirmada suas leis que, inexoravelmente, arrastam a sociedade humana por caminhos alheios à sua vontade. O fascismo, como fase última e inevitável do capitalismo, após ter arrastado as nações à carnificina que representou a segunda guerra mundial, renasce, e como outrora, no país de economia mais desenvolvida e mais «próspera», os Estados Unidos.

O «gigante do Norte» não pode mais aparecer perante o mundo como baluarte da defesa da liberdade, como fizera após a guerra. Não pode mais falar em nome da democracia e dos direitos do homem, que assimuladamente nega. O «Premio Nobel da Paz» com que foi laureado o general Marshall, só pode provocar risos de ironia no resto dos homens, riso mesclado pela dor que o choque da realidade brutal provoca.

Passo após passo, caminham os EE. UU. para o fascismo agressivo e genérico. A Nova Ordem nazista produziu, através da sua derrota, a nova ordem Americana. Com a economia mundial em suas mãos, o governo americano decide, em última instância, sobre a sorte de todas as nações. Se tal ou qual governo deve ser eleito na Alemanha, sobre as relações anglo-persas ou anglo-egípcias, sobre a cessação ou continuação da guerra na Coreia ou Indochina, etc., é a voz do Departamento do Estado que decide.

Contra todos os desejos e aspirações das forças progressistas, dos povos livres e dos próprios povos de Portugal e Espanha, ditaduras totalitárias destes países fortaleceram seu poder, e através dele o poder da opressão do povo, com a assinatura de pactos com os EE. UU. «A democracia ocidental foi enriquecida com o apóio de mais duas potências» dizem, quando, na realidade, a democracia mundial foi ultrajada pelo reconhecimento daqueles regimes despóticos e assassinos. Evidentemente, desaparecem as diferenças entre os pactuantes.

Renascem os comitês inquisitoriais, agora com Mac Carthy à testa. Sob a rúbrica de «comunistas», são eliminados todos os que não se calam e expõem seus pensamentos anti-

reacionários. Seu surgimento faz com que, automaticamente, recuem as liberdades e os direitos dos cidadãos. Não nos surpreenderemos se vemos, em breve, o aprisionamento de líderes operários e sindicais e o recrutamento das forças policiais e nacionais.

Ois, não pode passar despercebido o crescente fortalecimento das correntes reacionárias e fascizantes.

COLONIALISMO

O desenvolvimento crescente da economia capitalista, no sistema de produção moderna, exige das grandes potências um campo vasto onde desenvolver sua economia interna. Essa necessidade se traduz na conquista destes mesmos campos, que se tornarão, a um tempo, mercado seguro para os produtos e fonte de expansão do capitalismo. São as colônias. Em sua busca lançam-se, então, os países imperialistas, que as conquistam e subjagam. É o colonialismo.

A segunda guerra mundial provocou profundas modificações na estrutura interna dos países, mormente dos vencidos, mudando a posição das metrópoles frente às colônias. O sistema colonial dos inícios deste século sofreu forte abalo, e graves perturbações fizeram-se e se fazem sentir. Esta guerra, com seu alcance mundial, atinge toda a terra e todos os povos. Nas colônias formam-se exércitos que participam nas atividades militares; a economia desenvolve-se com o impulso decisivo dado pela industrialização; enquanto as metrópoles, semi-desorganizadas — algumas mesmo sob ocupação inimiga — voltam-se para a própria situação interna, afrouxando o domínio sobre as colônias, o que as obriga, afinal, a prometer-lhes sérias mudanças na estrutura política, social e econômica. Convém lembrar também a influência exercida pelo texto da Carta do Atlântico, cujos princípios opunham-se aos de domínio e opressão. Foram estas as causas do surgimento ou do fortalecimento — dos movimentos nacionalistas em quase todos os países que reivindicam sua independência. Tais reivindicações eram tanto mais eficazes quanto menos possibilidades tinha a metrópole de dominá-las. Há ainda a acrescentar o papel dos movimentos comunistas, que têm tomado parte ativa em quase todas as revoltas nacionalistas que perturbam atualmente o mundo. É por meio delas que os comunistas procuram provocar confusão que possa, de alguma maneira, afetar o poderio das potências ocidentais.

Os países europeus, entretanto, tentam, de todas as maneiras, conservar ainda suas possessões, e, por sua vez, valem-se de todos os meios. Incitam as divergências entre os par-

tidos internos, para enfraquecê-los, tornando, assim, mais distante a ameaça da independência, ao mesmo tempo que, reagindo à dominação comunista, neutralizam a influência de todas as forças progressistas. Utilizam ainda, outros meios, mais diplomáticos, como seja o da formação das chamadas confederações, que pretendem reunir, numa pretensa igualdade, nações que faziam parte de um domínio ou união.

A importância que tais fatos adquirem na situação atual, é cada vez maior; toda alteração, pelas suas possíveis consequências, pode implicar numa séria modificação do aspecto político mundial.

INDOCHINA

Os acontecimentos que, de há muito, vem se desenrolando na Indochina, se enquadram no exemplo típico de revolta nacional contra o domínio imperialista da metrópole. Historicamente, a posição da França em relação à sua possessão asiática teve como primeiro passo a obtenção da província da Tonchina e o protetorado de Anam e, depois, a integração também da região de Laos. Conseqüentemente, a atividade colonial francesa no continente asiático, já antes da primeira guerra mundial, abrangia um domínio de além de 800.000 quilômetros quadrados, com mais de 17 milhões de habitantes. Em 1945 o Japão domina parte do território, proclamando a independência do Estado Unificado do Viet-Nam, compreendendo a Tonchina, o Anam e a Conchinchina, entregando o poder a Bao-Dai, imperador de Anam. O Partido Comunista Indochinês luta pela independência do Anam ou Viet-Minh, desenvolvendo intensa campanha nacionalista, que culmina com a abdicação do Imperador e a tomada oficial do poder pelo chefe comunista Ho-Chi-Minh. Mas as guerrilhas continuam, e as tropas francesas, auxiliadas pelo governo anglo-americano, voltam-se à reconquista da possessão perdida. Em Março de 1946 concluem-se conversações no final das quais a França reconhece a independência do Viet-Nam (região que compreende a antiga província de Tonchina e Anam) e que recebe como chefe o imperador Bao-Dai. Passa a integrar, num plano imediato, a chamada Federação Indochinesa, da qual fazem parte, além da Conchinchina e do Viet-Nam, também o Laos e o Cambodge, e dentro da qual a França conserva naturalmente, sua soberania; num plano mais amplo, integra a própria União Francesa. Os países Moí — inclusive Anam — formam um território associado. O chefe comunista Ho-Chi-Minh reivindica, porém a independência absoluta, provocando sua atitude a interrupção do tratado em curso. Os acon-

tecimentos anteriores às conversações renasceram com dobrada violência e o incidente de Haiphong em Novembro de 1946 marca o início das atividades militares por parte do guerrilheiros do Viet-Nam, as quais se vêm prolongando com mudanças e intensidade alteradas. As últimas notícias que se têm sobre a situação na Indochina dizem respeito à possibilidade de solução do conflito por meio de negociações. Nada se tem de positivo porém a tal respeito, e diversas interpretações se formaram nos vários círculos interessados em busca do verdadeiro motivo que levou Ho-Chi-Minh a propor negociações de paz. Os Estados Associados, fiéis à França, não vêm com simpatia e confiança tal atitude, temendo tratar-se de um golpe estratégico que dê aos inimigos tempo para se armarem melhor e preparar novo ataque. Em Paris tenta-se ligar a posição do governo de Viet-Minh à própria posição da U.R.S.S., concordando em participar de uma conferência entre o Oriente e o Ocidente. Tem-se também ser uma manobra visando perturbar a posição da França na Conferência das Bermudas e no cenário internacional.

GUIANA BRITÂNICA

O fato se repete, com os mesmos caracteres típicos no caso da Guiana Britânica. Temos desta vez, uma manifestação clara e evidente da política imperialista inglesa. É interessante notar que, em 1940, uma declaração governamental pretendia renovar a política colonialista britânica, afirmando solenemente que «o governo de sua magestade é a garantia do bem estar do povo do Império Colonial e que o escopo principal da política colonial é a de proteger e fazer proteger os interesses dos habitantes da colônia» - governo, pois, de colaboração e não mais de dominação.

Uma das consequências da tomada do poder pelo Partido Trabalhista Inglês implicou, realmente, numa mudança na posição frente às colônias, visando conceder-lhes maior autonomia.

A situação interna da Guiana não difere daquelas que caracterizam os diversos países ainda em regime colonial. A economia é complementar à da metrópole; sua base é a cultura açucareira cujas plantações encontram-se nas mãos dos grandes latifundiários. Os trabalhadores — na sua maioria elementos negros e índus, e também alguns brancos — possuem baixíssimo nível de vida, submetidos a um regime de semi-escravidão. O Partido Sindical existente era completamente controlado pelos latifundiários, ao qual se opunha outro, cuja legalidade porém os patrões recusavam-se reconhecer.

Nessa época é a Guiana atingida pelas re-

formas trabalhistas, e obtém o direito de eleger uma Assembléia Constituinte ao mesmo tempo que se lhe outorga uma Constituição. Em abril de 1952 realizam-se eleições, conseguindo maioria o Partido Progressista Popular, de tendência esquerdista, que iniciou, logo, uma série de reformas tendentes a melhorar a situação econômica dos trabalhadores e do país. Possuíam mesmo um longo programa de reformas sociais — que é aliás característica dos movimentos libertadores. Tais medidas se chocaram com os interesses açucareiros, que necessitam uma grande reserva de mão de obra e bom mercado para suas plantações açucareiras, assim como com os do governador, enviado pelos ingleses e aos do Ministério das Colônias. Compreende-se assim, facilmente, a origem da crise. A Inglaterra, em cujo governo se encontra agora o Partido Conservador, procura controlar ainda a situação; revoga a Constituição e dissolve o governo sob a alegação de que era comunista. As demais justificações, reunidas no «Livro Branco», não chegaram a satisfazer. O chefe do governo e líder do P.P.P., Cheddi Jagan, seguiu para Londres, onde chegou depois de vencer diversas dificuldades relacionadas com a própria viagem; não tendo conseguido nada de positivo além de uma moção de desconfiança ao governo, apresentado pelos trabalhistas, que foi, naturalmente, vencida, dirigiu-se para a Índia, onde iniciou um movimento de protesto à intervenção britânica na Guiana, desrespeitando os seus direitos de auto-determinação.

ISRAEL — POLÍTICA EXTERNA

Continua a se manter a situação de incerteza no que se refere a política no Oriente Médio e Israel relacionado com ela. De um lado nota-se a tendência clara no Conselho de Segurança de não permitir a Israel que continue a realizar as obras do Jordão. Apesar disso, há muitos círculos no país favoráveis a que se continue a construção das obras, mesmo contra as resoluções da ONU, sob a justificação de que, de outra forma, todo o futuro e o desenvolvimento econômico do país estará prejudicado. Enquanto isso, a Jordânia, apoiada pela Liga Árabe, recusa-se a entrar em negociações diretas com Israel, e prepara-se para apresentar uma segunda recusa ao novo pedido do secretário geral da ONU. O bloqueio contra Israel, por parte dos países árabes, aumentou; apesar dos protestos do governo americano, continuam boicotadas as firmas americanas que também negociam com Israel. E no canal de Suez, novos carregamentos de alimentos e mercadorias para Israel foram apreendidos pelos egípcios, tendo já o governo de Israel dado passos para levar

o caso ao Conselho de Segurança da ONU.

Esta posição dos árabes é grandemente facilitada pela política americana no Oriente Médio. A pressão para que os ingleses abandonem o canal de Suez aumenta cada vez mais. Ao mesmo tempo se torna certo que os Estados Unidos enviarão armamentos aos estados árabes. Apesar de todos os passos em contrario por parte de Israel, as afirmações de que os árabes não empregarão as armas com fins agressivos são utilizadas para anularem quaisquer reclamações ou pedidos de armamentos também para Israel. No país a situação é calma, mas pessimista, e são feitos todos os esforços diplomáticos e políticos, em Washington e na ONU, para modificar este panorama.

A CRISE GOVERNAMENTAL

A prolongada crise governamental em Israel, que se prolongou durante vários meses, motivada pela renúncia de Ben Gurion, terminou com a formação de um governo cuja composição é quasi a mesma da do anterior. Participam do novo governo 9 ministros do MAPAI, 4 dos Sionistas Gerais, 2 do grupo religioso e 1 do partido Progressista. E de se lamentar profundamente a ausência do MAPAM no governo, pois que a sua participação viria reforçar a posição da classe operária dentro do mesmo, principalmente, considerando-se o aumento da pressão da burguesia judaica em Israel, representada pelos elementos reacionários que estão à testa do Partido dos Sionistas Gerais. A grave decisão do MAPAM, foi tomada à revelia da maioria dos seus milhares de membros que, si fossem consultados, não teriam titubeado, nas condições atuais, em emprestar a sua colaboração nas difíceis tarefas perante as quais se encontra o ischuv; esta deserção da solidariedade da classe operária, foi a consequência da atuação da parte comunistante do Mapam, o Hashomer Hatzair, cujos representantes no Comité Central do Mapam, foram obrigados a votar «em bloco», pela posição adotada pela maioria dos representantes do Kibutz Artzi.

No dia 6 de Janeiro o Comité Central do Mapam negou-se a participar da coalisão, de acordo com os últimos termos propostos pelo Mapam no decorrer das prolongadas negociações. A resolução foi tomada por 67 votos (Hashomer Hatzair) contra 43 (Achdut Avodá), tendo havido 20 abstenções. As discussões foram violentas, tendo-se destacado Galili a favor e Chazan contra a entrada. Após a resolução, declararam os chaverim da minoria que não veem acerto numa resolução que significa o suicídio político do Mapam, e que continuarão a lutar, no partido e publicamente, em prol do ingresso no governo. No decorrer

dos debates notou-se diferenças profundas entre as duas frações, especialmente no que se refere as relações entre a União Soviética e Israel, a posição perante os problemas sionistas, a situação na Histadrut. Figuras da minoria expressaram sua amargura com respeito aos caminhos perigosos que esta segundo o Hashomer Hatzair, negando a participação no governo e tomando posições que se afastam das finalidades construtivas do Estado.

Após terem chegado os delegados do Mapai e do Mapam a um acordo na maioria dos pontos em debate, o Hashomer Hatzair insistiu em exigências que os homens do Kibutz Hameuchad estavam dispostos a retirar: diminuição dos impostos, aumento de 15% nos salários dos funcionários e trabalhadores governamentais, anulação da presente organização militar; e na política externa: anulação do auxílio americano e «neutralidade». Já se tinha anteriormente percebido que o Achdut Avodá e o Poalei Sion da esquerda queriam entrar no governo; a moatza do Kibutz Hameuchad tinha decidido claramente em favor dessa posição. Com isso, tinha-se a impressão de que as negociações eram realizadas entre três partidos e não dois, tais eram as diferenças de «guisha» (concepção no seio do Mapam).

Noticia-se agora na imprensa que a fração do Kibutz Hameuchad no Mapam exigiu em breve do Comité Central do partido revisão da resolução anterior e rediscussão de todo o problema. A minoria alega que não foi tomada em conta a opinião dos setores do Mapam nas cidades (favoráveis à participação no governo), os quais não estavam presentes na hora da votação. Os homens do Achdut Avodá alegam também que muitos chaverim votaram contra a entrada no governo em virtude de uma absurda «disciplina de frações», que não tem lugar num partido homogêneo, e que numa votação livre, individual e sem facções, teria recebido maioria a proposta de participação no governo.

O «LEACHDUT HAAVODA» INGRESSOU NO MAPAI

A agitação no interior do Mapam aumentou com a notícia de que o partido «Leachdut Haaavoda» ingressou no Mapai; a entrada foi aceita pelo Comité Central do Mapai, após algumas negociações e a usua se verificou tanto organizacionalmente como no parlamento. Como se sabe, este partido, sem grande expressão política, foi o resultado do abandono do Mapam pelos deputados Lifshitz e Lamdan, na época do início aos acontecimentos em Praga. Após meses de votações e posições políticas conjuntas com o Mapai em todos os problemas, e sem uma justificação ideológica que motivasse uma separação, a fusão tinha de vir e deu-se naturalmente.



A R T E

ERICH MENDELSON

Vittorio Corinaldi

Erich Mendelsohn, um dos máximos vultos da Arquitetura Contemporânea, um dos artistas mais verdadeiros de nossa época, morreu há poucos meses nos Estados Unidos. Sua obra, de inestimável valor estético, histórico e documental, acha-se espalhada em diversos países, ao longo do caminho que, por sua condição de judeu, Mendelsohn foi obrigado a percorrer. Em Israel construiu diversos edifícios, dos quais cumpre citar: o Hospital Hadassa no Monte Scopus, o edifício do Bank Halemuni, ambos em Jerusalém; a casa de Welzman e a sede do Instituto de pesquisas agrônomicas em Rehovot; um hospital do governo em Haifa. A maior contribuição de Mendelsohn, gravada numa das fases de sua obra, está em ter traduzido para os termos da linguagem figurativa da arquitetura os fundamentos filosóficos de expressionismo.

Todo movimento de significação histórica, seja no campo da ação, seja no das idéias e da cultura, não nasce como a abstrata expressão da vontade e da personalidade de indivíduos isolados. Ao contrário, as grandes personalidades é que são o fruto de determinados momentos históricos. Quando a evolução econômica faz sentir a necessidade de profundas modificações na estrutura social e política, isto se projeta sobre todos os campos da atividade intelectual. Então as personalidades, sempre existentes, emergem impelidas pela força da necessidade histórica, transformando-se nos grandes líderes ou nos gênios.

Porém, si nos seus largos traços é a própria História que cria os grandes homens, nem porisso deixam estes de influenciá-la através do cunho de sua personalidade, e de impor aos fatos, tomados numa mais curta perspectiva, o peso de sua individualidade.

Em nenhum terreno melhor que no da Arte, portanto também da arquitetura, pode isto ser percebido. A Arquitetura moderna não surgiu por causa de um Le Corbusier ou de um Gropius, de um Mies Van der Rohe ou de um Mendelsohn. Até mesmo a poderosíssima força pessoal e o inegalável domínio dos espaços e dos materiais de Frank Lloyd Wright não teriam encontrado repercussão si as novas condições técnicas e econômicas de nosso século não tivessem formulado a exigência de uma nova poética.

Porém, si é verdade que o surgimento da Arquitetura

Moderna não se deu por causa dos arquitetos acima citados, não menos verdade é que foram eles que lhe imprimiram todo o caráter. Eles interpretaram aquela que era uma aspiração e uma necessidade histórica através dos caminhos sugeridos por sua personalidade própria. Desta maneira criaram obras que elevam a Arquitetura Moderna à categoria de Arte verdadeira, e estabeleceram conceitos e princípios que a levantam ao nível de uma cultura criadora, que a colocam como um prenúncio e um imperativo de melhores dias para a humanidade.

A grande época que criou os Mendelsohn e os Le Corbusier está terminada. Os homens, que perderam nessa ocasião a maior oportunidade de dar um maravilhoso passo para frente, estão hoje descrentes e desorientados. Numa estéril procura de caminhos, lançam-se a movimentos pessimistas e decadentes, abraçam correntes e filosofias retrógradas, fogem para o cego fanatismo, ou então simplesmente refugiavam-se no mais negativo indiferentismo. Poucos são aqueles que, em meio a esse labirinto conseguem enxergar com clareza um caminho reto e seguro; poucos os que, mantendo a fé nos valores verdadeiros do futuro, conseguem atravessar com integridade a escuridão do presente. E' porisso que a morte de Mendelsohn é uma perda irreparável para todos os homens de espírito aberto e de ideal sincero. Possa aqui ficar, juntamente com nossa humilde admiração, nossa modesta homenagem.



1 Torre Einstein

2 Torre Einstein

3 Columbus Haus — Berlin



5 Hospital — Haifa

4 Casa Weizman — Rehovot

6 Hospital — E.E. U.U.





B A T N U A

HANHAGA ARTZIT — O II Kinus Artzi elegeu a seguinte Hanhagá Artzit que, pelo período de um ano, até Julho de 1954, deverá dirigir o movimento brasileiro: Mazkir: — Ervin Semmel; Sgan-Mazkir: — Markin Tuder; Chinuch: — Nachman Falbel; Kranot: — David Fainguelernt; Itonut: — José Leão Karabchevsky; Chalutzit: — João Drucker; Chaver Hakibutz: — Zishe Chaitchik. Como primeira preocupação, tratou a Hanhagá de prover de shlichut os snifim. Todos eles, sem exceção, receberam auxílio de forças centrais de trabalho, ganhando novo impulso. Novos pontos foram por nós pela primeira vez atingidos. Em Recife e Salvador iniciamos o trabalho no sentido de levar nossas idéias às aquelas cidades, constituindo dois novos snifim. A equipe de trabalho da Hanhagá viu-se reforçada pela presença dos chaverim Fiszel e Etrog, de Bror Chail, como shlichim para o movimento. Foi estabelecido contato intenso entre a central e os diversos setores do movimento, orientando-os nos problemas gerais e particulares de cada um. As linhas mestras de nossa atividade, estabelecidas pelo Congresso de Julho, foram levadas aos snifim que, na medidas das possibilidades, puseram-nas em prática. Da mesma forma estabeleceu-se intenso contato com as diversas instâncias do movimento, com a Vaadat Hatnuá de Bror Chail e Hanhagá Elióná, assim como as demais, locais e de Eretz Israel. Constituiu-se, no mês de Outubro, o sexto garin do movimento brasileiro, cuja vanguarda, formada de 11 chaverim, já se encontra na Hachshará. Prepara-se para o curso da Sochnut numeroso e representativo grupo, constituído por chaverim de todos os snifim. De São Paulo irão Zicio Simbalista, Elisa Susskind e Gabi Bolaffi; do Rio de Janeiro, Suzana Sender e Herman Weksler; de Porto Alegre, Joni Yurgel e Rosa Stroivas; de Curitiba, Salomão Waintraub e de Belo Horizonte, Mário Visenberg. Estes chaverim, escolhidos dentro dos nossos rígidos critérios, serão capazes de, na sua volta, transmitir-nos o espírito e a realidade de Israel. A exemplo dos anos anteriores, prepara-se o movimento para realizar as machanot centrais de bonim, maapilim e magshimim. Estas

machanot constituirão um marco na cristalização ideológica por que passa o movimento, assim como na integração dos novos chaverim nos valores do movimento. Encaminha-se satisfatoriamente a solução de um dos problemas mais difíceis com que nos defrontamos, qual seja o financeiro. Contamos poder cobrir o déficit em que nos encontramos, e assim concentrar nossas forças em outros setores, de mais vital importância. Esta Hanhagá Artzit, que tão eficientemente iniciou seus trabalhos, espera chegar ao fim de seu mandato tendo cumprido as tarefas básicas determinadas pelo II Kinus Artzi do movimento.

SAO PAULO — A aliá do 4.º garin determinou uma completa renovação da dirigência do snif. Foi eleita uma mazkirut, sendo que a grande maioria dos chaverim participa pela primeira vez de tal organismo. É a seguinte a mazkirut: — Mazkir- Bubi Beider, Sgan-Mazkir- Zicio Simbalista, Chinuch- Edith Friesel, Chalutzit- Henriqué Sazan, Itonut- Vittorio Corinaldi, Tzofit- Ruth Friesel, Guisbarut-Ioshi Rapaport, Kranot- Frida Renkievitz, Chaver Havaad- Isaac Grusco. Hoje estes chaverim constituem já sólido grupo de dirigência que, eficientemente, orienta o snif. Através de proselitismo, alguns novos valores foram trazidos ao snif, e, segundo se espera, poderão em breve desenvolver tarefas educativas. A atividade no setor educativo esteve normal, desenvolvendo as shichavot atividades várias. Este período foi rico de atividades de caráter ideológico. As shichavot de maapilim e magshimim tiveram intensos seminários e hartzot, além das sichot normais nas kvutzot. Reiniciando as atividades, após a paralização na época dos exames, lançou o snif o Chodesh Hatnuá (mês do movimento), de atividades intensas em comemoração ao primeiro ano da unificação do Dror com a Gordónia. Além de diversas atividades por shchavot, foram realizadas diversas de caráter geral. Foi realizado um tiul ao kibutz com a participação de cerca de 100 chaverim, uma exposição comemorativa, e um festival, comemorando também o 52.º aniversário do Keren Kaiemet Leisrael. A primeira parte do sexto garin do snif já se encontra na Hachshará, aprontando-se um

segundo grupo para entrar em breve. Leva-se agora a shichvá de maapilim a discussão de profissionalização, tendo já a shichvá, quase como um todo, se colocado à disposição para cumprir as tarefas do movimento.

RIO DE JANEIRO — Logo após o Kinus, levou-se a efeito uma completa reestruturação dos chugim, através da qual novos elementos foram lançados ao trabalho. A mazkirut então constituída contou também com chaverim recém entrados no trabalho dirigente. Sua constituição foi a seguinte: Mazkir- David Fainguelernt, Sgan Mazkir- Adolfo Cheinfeld, Chinuch- Benjamin Roisman, Chalutzit- Tzipora Shapiro, Itonut- Ozer Foigel, Tzofit- Jonas Gladstein, Guisbarut- Chana Goldberg, Kranot- Léo Burman, Chaver Havaad- Adolfo Steinberg. A necessidade de reorganização e solidificação interna, assim como a de fixação dos novos chaverim que entraram no movimento no 1.º semestre, prejudicou o trabalho de proselitismo, que somente nas últimas semanas foi recomçado com impeto. Foram desenvolvidas diversas atividades ideológicas, dentre as quais deve-se ressaltar um seminário para maapilim e magshimim sobre problemas de Israel e do judaísmo no Galuth, e um seminário especial para chaverim novos no movimento. Foram realizadas, ainda neste período, uma série de atividades gerais, um festival de Sucot e uma messibá comemorativa do 1.º aniversário do Ichud e 52.º aniversário do KKL. O snif caminha para dar solução a um de seus problemas básicos, qual seja o da deficiência das forças de trabalho. Grupos novos formam-se dentro da atividade, e novos chaverim são trazidos e integrados no trabalho. As tarefas de relações externas, particularmente intensas nestes meses, absorveram a atenção de chaverim centrais, prejudicando o trabalho de snif.

PORTO ALEGRE — Como resultado do trabalho de fixação no movimento dos grupos novos, que entraram através do trabalho de proselitismo feito no semestre anterior, o snif apresenta novas e mais amplas perspectivas para o futuro. Os chugim foram aumentados, o que possibilita uma ação educativa mais regular. Grupos de chaverim preparam-se para desempenhar tarefas dirigentes, lançando-se a um intenso estudo ideológico e do movimento. A mazkirut que ora finda o seu mandato, desempenhou satisfatoriamente, em conjunto com a shlichut da Hanhagá, as tarefas que lhe cabiam. Está ela assim constituída: — Mazkir- Mauricio Nnuch, Sgan Mazkir- Adeline Maltz, Chinuch- Oscar Zimmerman, Chalutzit- Judith Gruenewald, Itonut- Cecília Kersz, Guisbar- Manoel Banvol, Kranot- Rosita Liebel, Tzofit- Joni Yurgel, Chaver Havaad-

Luiz Vajner. As atividades do Chodesh Hatnuá constituíram-se num sucesso, contando-se entre elas: — uma projeção cinematográfica, uma exposição sobre o KKL, um festival em Pelotas e outro em Porto Alegre, uma exposição sobre o tema «Juventude», etc. Realizaram-se as machanot das shchavot menores, pela primeira vez em separado, com enorme participação.

CURITIBA — Ao fim do período de shlichut do chaver Iampolski apresenta o snif aspecto diverso daquele que tinha até hoje, aproximando-se mais do espírito do movimento e da realidade chalutziana brasileira. As intensas atividades desenvolvidas permitiram que fosse possível a realização do seminário de profissionalização e de definição chalutziana do grupo mais velho e da dirigência. O snif vive o período mais agitado de sua existência, notando-se intensa preocupação e estudo dos fins e caminhos do movimento, assim como pela posição pessoal corrente com os mesmos. Prepara-se o snif para enviar um grande número de chaverim às realizações centrais para, desta maneira, estabelecer contato mais vivo com os centros, maiores do movimento. A mazkirut que dirigiu o snif neste período foi a seguinte: — Mazkir- Berta Gandelsman, Sgan Mazkir- Sarita Chameki, Chinuch- Boris Aizemberg, Chalutzit- Anna Guelman, Itonut- Bernardo Waintroib, Tzofit- Júlio Lerner, Guisbar, Salomao Waintroib, Kranot- Luiza Zuckerman, Chaver Havaad- Mina Paciornik.

BELO HORIZONTE — Através das shlichut da Hanhagá Artzit, principalmente da do chaver Peter Loewy, o snif Belo Horizonte ganhou novo alento. Afirmou-se, através de várias realizações, como o agrupamento juvenil mais forte e ativo da cidade. Ultrapassou a inatividade do semestre anterior, lançando bases sólidas para a sua existência futura através de um aumento de suas camadas mais velhas.

RECIFE — Foi constituído um grupo de jovens que servirão para formar, em breve, o núcleo de um novo setor do movimento.

KIBUTZ HACHSHARA EIN DOROT

A experiência acumulada por quatro garimim que, sucessivamente passaram pela hachshará, aliada à vontade de seus chaverim, permitiu que o quinto garim dominasse completamente os ramos de produção do meshek, convertendo-os, ao mesmo tempo que em fontes de renda para a hachshará, em sério meio para o aprendizado profissional dos chaverim.

Verificou-se que a melhor forma de cultivo é a concentrada em algumas poucas culturas, explorando-se ao máximo. Desta forma, obtêm-se melhores resultados com menor dispersão de forças. Após a colheita do produto

de três mil pés de tomate, iniciou-se uma nova plantação destinada unicamente ao consumo interno. Está em pleno desenvolvimento a plantação de milho feita numa área de mais de dois alqueires, a maior já utilizada para uma cultura em todo o tempo de existência da hachshará. Espera-se uma boa colheita que renderá, com a sua venda, benefícios para a hachshará. Paralelamente plantou-se, em caráter experimental e pela primeira vez, um campo de quase um alqueire de arroz, que se desenvolve satisfatoriamente, podendo vir a se tornar uma das culturas básicas da hachshará. Leva-se a efeito a preparação de terrenos e sementeiras para o 6.º Garin, assim como hortas de feijão e couve-flor para o consumo interno, e um extenso campo de cebolas. Pertende-se deixar, para o garin entrante, duas culturas básicas: uma horta bem organizada e um pomar.

Compraram-se duas novas vacas que poderão, em breve, fornecer o leite necessário para o consumo. Constrói-se um novo lul, que poderá abrigar a grande quantidade de aves que se planeja adquirir. A apicultura se desenvolve com regularidade, devendo dar-se a primeira colheita de mel em meados de março.

A exemplo dos anos anteriores, prepara-se o kibutz para a produção de vinho kosher para Pessach, que já se tornou tradicional no nosso ishuv. A boa qualidade do mesmo, assim como o fato de ser produzido por chaverim da hachshará, qualificam-no e justificam a intensa procura do mesmo. Já agora, quatro meses antes de Pessach, avultam os pedidos feitos.

O quinto garin prepara-se intensamente em ivrit, recebendo seis horas de aula semanais da língua. O garin defronta-se com a falta de professores; entretanto, são sensíveis os progressos feitos. Desenvolve-se também um programa ideológico, com sichoet semanais.

Encontra-se já no meshek a vanguarda do sexto garin, constituída de onze chaverim. A integração na hachshará, e o domínio dos ramos de produção vêm se processando normalmente. A convivência longa que os chaverim do sexto garin terão com os do quinto permitirá uma normal passagem da hachshará, evitando desta maneira as falhas havidas até hoje na transição dos garinim. Esta tem sido a preocupação maior do quinto garin, que tem se esforçado neste sentido.

Realizaram-se no kibutz as machanot de tzofim e solelim do Snif S. Paulo. Prepara-se o meshek para receber chaverim do snifim que, aproveitando o período das férias, passarão alguns dias na hachshará, em contato com o centro chalutziano do movimento. O kibutz enviará também um grupo que parti-

cipará da machané central de maapilim — maagshimim, em Petrópolis.

BROR-CHAIL

Vivem hoje em Bror-Chail chaverim provenientes de dois lugares: Brasil e Norte da África (principalmente Egípcios). O 1.º grupo colonizador, a Kutzá Sné, formada no movimento Habonim egípcio, chegou ao país há 8 anos mais ou menos, quando a guerra na Europa estava no fim, respondendo ao chamado de alerta dado pelos soldados israelis ao passarem por Cairo na sua volta a Israel; dirigiu-se esta kutzá para o Kibutz Gvat para um período de treinamento e aperfeiçoamento agrícola.

Ao sentirem-se já suficientemente preparados para colonizar um novo ishuv, resolveram seus chaverim dirigir-se a Moshav Raanana para lá trabalhar como empregados assalariados nos pomares, para conseguirem um fundo próprio.

Finalmente em 1948 seguiu o grupo para defender a fortaleza de Bror-Chail, fronteira à uma importante e armada aldeia árabe inimiga. Foram dias difíceis, de incessantes ataques inimigos; era uma fortaleza importantíssima pois controlava toda a comunicação do norte com o Neguev; pelas estradas levava-se aos soldados o abastecimento necessário para a continuação da luta no sul do país.

Em meados de 1950, com a situação militar mais estabilizada, reuniu-se a kutzá no local de Hitiashtut (colonização), com vista a criar os diversos ramos necessários ao erguimento de um meshek; perfurou-se o poço que até hoje abastece o kibutz da preciosa água e, pouco a pouco, deu-se largos passos para o auto-sustento.

Aos poucos, porém, chegou-se à conclusão de que seria absolutamente impossível a construção do meshek com o número parco de chaverim que o compunha (40). Resolveu então o movimento dar-lhe sangue novo, e daí, em fins de 1952, juntou-se ao meshek um grupo de 70 chaverim do garin brasileiro.

Este garin tem também sua história; ele trouxe do movimento DROR do Brasil um alto conteúdo ideológico e humano; sua 1.ª parte, o 1.º garin, chegou ao país em fevereiro de 1950, dirigindo-se para o curso de hebraico de 1 mês, organizado em Jerusalém pela Agência Judáica; dirigiram-se em seguida para a Kutzá Kineret para o seu aprendizado, pelo espaço de 6 meses, da vida kibutziana. Constituiu este período uma preciosa ajuda para o garin, que aprendeu o trabalho, a língua hebraica, a conhecer o país e os problemas do kibutz. Em meados de 1951 chegou o 2.º

(Continúa na Pág. 23)

EDUCAÇÃO A EDUCAÇÃO GERAL

Nachman Falbel

A EDUCAÇÃO GERAL

«Para cada Estado, é objeto de primordial importância uma forma de educação adequada. Cada tipo de sociedade tem seu peculiar caráter, que o distingue dos demais, e que quer manter sua estrutura. Assim, um regime social democrático se esforça por perpetuar a democracia; um regime social oligárquico, a oligarquia.»

ARISTÓTELES

No processo da luta de classes que se trava no seio da sociedade, cabe à classe que se coloca historicamente como revolucionária, dominar todos os meios que facilitem a ruptura do existente, para atingir uma nova fase social. Estes meios, a própria sociedade os constrói, e são parte de sua estrutura; eles acompanham a própria dialética da estrutura social: nascem, crescem e morrem com ela, para renascerem sob outras formas. A luta revolucionária é a luta pela posse desses meios, em favor da revolução social.

Assim, os elementos que compõem a estrutura social, tais como o aparelho estatal, a técnica, a ciência, a arte, a educação, etc., instrumentos que são os alicerces do poder da classe dominante em uma fase social, passam, no período da disputa do poder (fase revolucionária), a ser armas ambicionadas pelas classes que visam instaurar um novo regime social, dando-lhe um novo significado, uma nova orientação, determinada pela sociedade nova e diferente que aspiram.

Tanto nas sociedades classistas do passado, como no mundo de hoje, a luta entre as forças burguesas e socialistas é a luta, em sua última etapa, pela apropriação dos instrumentos de domínio que se encontram nas mãos da classe dominante.

A educação desempenhou, historicamente, um dos papéis primordiais como instrumento de domínio de classe. Através dela, os diversos regimes sociais puderam perpetuar a sua existência, pois o seu papel sempre foi o de formar gerações novas e adaptá-las à vida social e, portanto, a uma determinada sociedade; também, por consequência, o de formar reservas humanas, ou melhor, forças de coesão capazes de sufocar as forças de ruptura que existem em toda sociedade classista, formada de agrupamentos humanos de interesses diferentes. Pois, em essência, a educação dá uma concepção de mundo, uma concepção de vida, e não somente procura desenvolver as tendên-

cias inatas do indivíduo, não somente elevar o corpo e a mente, mas dar um sentido e compreensão do universo, do mundo, da natureza e dos homens, portanto uma ideologia que se ajusta aos interesses da classe dominante de uma determinada sociedade. Assim, toda a educação é uma educação de classe.

A educação, não somente o seu conteúdo, o programa educativo, mas também sua forma, a metodologia, é condicionada pela sociedade em que atua e, como um meio de preservação dela, em todos os seus aspectos, econômico, espiritual, militar, etc. A sociedade, que é a finalidade última da educação é quem determina o programa educativo.

Assim, no mundo antigo, em Esparta e Atenas, as classes dominantes, obrigadas a viver entre uma população submetida e mais numerosa que a própria, organizaram-se em uma sociedade militar, dando a educação a finalidade de formar guerreiros, tipo de homem mais apto para preservá-la. Na sociedade feudal, os mosteiros e sua poderosa organização, forneciam as reservas que ajudavam a impor o domínio da Igreja, do clero, estando a educação em suas mãos. Uma concepção mística da vida e do mundo, produzia os «cordeiros de Deus», tipo de homens necessários aos fins da Santa Sé. A burguesia nascente vai encontrar no Renascimento uma maneira de reagir ao feudalismo teocrático, colocando a helenização como uma forma de opor-se à Igreja e à nobreza. Formar também homens de negócio, que fossem, ao mesmo tempo, cidadãos cultos e diplomatas hábeis, era um ideal educativo no período do Renascimento. Nesta fase, no marco da decadência da sociedade feudal, sua educação também se mostra decadente.

Ao surgir a Reforma, a educação burguesa toma novos rumos. Neste período social, em que já se desenvolve aquilo que um pouco mais tarde se chamará Revolução Industrial, o protestantismo, em uma de suas medidas,

suprime a infinidade de festividades com que o catolicismo se comprazia, para aumentar os dias de trabalho, assinando um novo marco na educação do futuro operário. Os valores da Reforma impõem-se na educação, pois ela representa uma nova ordem social.

Com a Revolução Industrial, novamente a pedagogia burguesa toma novos rumos. A nova ordem social, a capitalista, exige escolas e uma instrução mínima para a massa popular, pois, sem ela, o assalariado não poderia satisfazer o dono da fábrica. Enquanto os filhos da burguesia, pelas suas possibilidades económicas, ingressam nos altos estudos, universidades, formando sua vanguarda intelectual, afastada do «pouco honrado trabalho físico», o filho do camponês, que para a produção agrícola não necessita nenhuma instrução, está fadado à ignorância e brutalidade eterna.

O plano educacional burguês, na fase de decadência do regime capitalista, em sua fase mais aguda de contradições, no conteúdo tinha por objeto o nacionalismo chauvinista, o individualismo doentio e a religião morinante, elementos estes usados para afastar os filhos dos operários dos interesses desta classe, que ameaça o seu domínio.

As correntes burguesas na educação lançaram, como arma de combate, o slogan da «Educação Geral» ou «apolítica», tentando justificar uma educação tal que nunca poderia ser feita na sociedade humana organizada. Crer que se pode educar o homem através de uma escala de valores universal, acima do tempo e do espaço, é uma mistificação imperdoável, é como querer separar a escola e o professor

da sociedade particular em que eles atuam. Ora, não é somente a escola o único elemento que educa, pois ela é apenas um rator a mais, além da família e da sociedade, que com seus valores de bem e de mal, do justo e do injusto, do bonito e do feio, do certo e do errado, do possível e do impossível, que transmitem uma escala de valores completa ao indivíduo. Na-a pode mostrar mais claramente que a educação organizada, como uma função da sociedade, se alia à política, como toda educação tem um conteúdo político, ou melhor, contém em si uma finalidade política.

No mundo em que vivemos, em sua fase atual, cremos que novos rumos se impõem à educação. Assistimos, nessa etapa humana, uma mutação de valores em todos os campos da vida social, e em todos os campos do pensamento humano. Tudo anuncia a transitoriedade da sociedade atual, em toda sua estrutura. A maior expressão dela é a luta revolucionária, em nome do socialismo, que a classe obreira trava em todo o mundo, em todas as nações. A educação é um dos meios indispensáveis, que as forças do mundo de amanhã utilizam e deverão utilizar para gerar uma nova sociedade, mais justa e menos tórpe. Um novo ideal educativo aponta-se a educação: o de torjar homens capazes de suportar a luta que a construção de uma sociedade nova implica, capazes para a luta revolucionária de apagar o velho e podre e edificar o novo. A educação ou é burguesa ou é socialista e não pode ser «Gerals»; coloca-la em outras categorias ou em outros termos é impossível. A nossa luta e a da classe obreira em todo mundo exige uma educação socialista.

A Organização Sionista Unificada do Estado de São Paulo, que considera como uma de suas tarefas mais importantes o apoio aos Movimentos chautzianos, saudou o aparecimento de «Vanguarda juvenil» um empreendimento que testemunha do verdadeiro sentido do chautzianismo, o qual harmoniosamente funde o amor à terra com a elevação do nível intelectual dos chaverim.

O chautz, ao mesmo tempo em que pega na enxada para desbravar e cultivar terras muitas vezes áridas e desertas, educa e forma sua inteligência, tornando-se assim esplendida síntese das renovadas facetas do Povo judeu. A ação cultural da juventude da Diáspora e a única da qual pode sair a preparação chautziana e induzir a alia consciente e construtiva.

Resouros de capacidades espirituais — disse recentemente Berl Locker, Presidente do Executivo da Sochnut — estão escondidos em todas as Comunidades judaicas, mas nós precisamos, desde já, das forças intelectuais do Judaísmo ocidental, que poderão elevar o nível social e cultural do País.

Possa esta «Vanguarda juvenil» se tornar uma tribuna para o debate de pensamentos sadios e frutíferos, visando propagandar entre a Juventude os ideais de justiça e de paz em Israel e estimulando sua realização. Então ela será mais uma nova contribuição do Ichud Hanoar Hachalutzí ao fortalecimento da causa sionista.

A. Corinaldi, Presidente

DIÁRIO DE UM PARÓCO DE ALDEIA - G. BERNANOS

ELISA SUSSKIND

«... Quando sua boca a pôde articular pela primeira vez, a palavra amor já era um termo ridículo, um nome sujo, que de bom grado correriam a pedradas, rindo, como fazem com os sapos».

Quando o cura d'Ambricourt faz essa constatação sobre as crianças de sua aldeia, estendendo-a, sobre crianças e adultos em todos os lugares do mundo de nossos dias, define o sentido e o objetivo de «O diário de um pároco de aldeia».

Esse é um livro de vida e luta; não é o estudo de uma aldeia cristã; não é também estudo da vida de um padre na aldeia; não é a discussão entre os veteranos e os jovens padres sobre a missão da Igreja, de, ou responder aos seus ideais mais elevados ou, formalizando-se e burocratizando-se, responder a interesses menos nobres.

El nenhum desses problemas, embora levantados e abordados por Bernanos no livro, são seu conteúdo e seu centro verdadeiro; se o fossem, mediocriçariam-no, tirar-lhe-iam a inspiração e o impulso, o sentido de grandeza e luz que, de começo a fim, o marcam e distinguem.

«O diário de um pároco de aldeia» é o livro de uma alma: da agitação e da procura de uma alma; uma alma inquieta e ardente, no corpo de um pequeno e enfermo pároco de aldeia; um pároco nascido na pobreza, herdeiro de tara alécolica, um padre humilíssimo diante de Deus. Humilíssimo, também, diante dos homens. Diante destes, porém, não só humilidade; diante dos homens, o cura d'Ambricourt não é apenas o filho de camponeses pobres que, por gerações seguidas, aprenderam a ser os últimos; nem o seminarista a quem os superiores ensinaram a submissão; nem mesmo o homem de percepção sutil, intuitivo e sensibilidade e de espírito exigente; diante dos homens é também o emissário divino, e o arauto do amor, é o militante cristão, militante do pensamento de Cristo. É o chefe de uma paróquia.

Então, o livro se torna um campo de luta: Deus - o Diabo, o Bem e o Mal. E, encarnando cada uma dessas individualidades, surgem os personagens do livro: o vigário de Torcy, um místico (seu oratório o atesta), é um dirigente de homens na vida cotidiana; a condessa do castelo, espírito arrogante, or-

gulhoso e sofredor, a quem o padre, numa discussão desesperada, traz a aceitação das ações divinas, contra as quais ela se revoltara quando lhe morreu o filho pequeno. Chantal, sua filha, uma personalidade amarga, em quem reside o ciúme e o ódio abridor-lhe, na alma, duas grandes brechas por onde qualquer pecado pode penetrar. Mais o padre desertor, mais as crianças da aldeia, mais todos os homens bons e maus encarnando, no livro, tudo o que é luz e treva na alma humana.

É o jovem padre, recém saído do seminário, espezinhado fisicamente por uma moléstia que o consome, torturado espiritualmente, pela inquietude na procura da verdade, inquietude tão violenta que o impede de orar — a grande oração, a identificação com o supremo, o gozo indefinível da paz que é bênção — luta contra todos.

O padre d'Ambricourt, pertence a uma raça particular de homens: aquela que se mantém de pé, «não sentado, nem deitado»; com uma tenacidade férrea e com uma fé inabalável ele leva o amor e a aceitação ao coração da aldeia. Destroí o pecado em seu redor; ele próprio constata: «quando estou perto, todo pecado parece subir à tona», e ele, com a pequenez de sua pessoa e a grandeza de sua convicção, vai destruindo-o; não deixa pedra sobre pedra nas almas acovardadas ou acomodadas ao seu redor.

Este é um livro belo, escrito em linguagem sóbria, mas profundamente intensa. Põe sob foco de luz a alma desse pároco de aldeia, e através dele, a de uma multidão de homens. Bernanos poderia ter feito com suas personagens, com o desenrolar de seu romance, uma obra deprimente; na muita maldade, muita miséria, muita impotência humana diante de Deus nesse livro; a morte trágica do pároco, seus últimos contatos com o ex-colega de seminário — sua amante, com o médico que lhe diagnostica o câncer fatal... Tudo muito cinzento, húmido e trito. Entretanto, pelo milagre de sua personalidade, pelo amor, em cujo nome todo o pecado se destrói, pela pureza suprema de seu protagonista, o livro se converte num canto de luta, de conquistas e vitórias, de compreensão e ajuda humanas.

A última frase do cura em seu leito de morte, sintetiza a mensagem do livro: «Que importa? Tudo é graça».

VANGUARDA E MASSAS

Markin Tudor

Todo movimento social, para ser um movimento verdadeiro, tem de corresponder aos interesses do agrupamento humano no seio do qual age. Tem de ser expressão desses interesses, e mesmo das necessidades dos indivíduos que este movimento visa atingir. A Revolução Francesa, a «grande revolução», correspondia aos ideais (expressão ideológica dos interesses) de quase toda a sociedade de então, pelo menos de sua parte mais representativa, quantitativa e qualitativamente, de vez que era a força do progresso que se sobrepuja às forças da reação, a nobreza e o clero. Da mesma forma, o movimento abolicionista dos E. E. U. correspondia às aspirações da grande maioria da nação americana na época. Poderíamos citar ainda milhares de outros exemplos que, como estes, atingiram o seu objetivo por serem expressão verdadeira dos interesses de seu grupo nacional ou social.

Como consequência, um movimento tem de sê-lo de massas. Não queremos com isso dizer que a simples correspondência a seus interesses faça os indivíduos afluírem em massa a este movimento. Seus objetivos sociais e políticos, que obrigam seus elementos à ação, diferenciam-no do catolicismo, por exemplo, que tem o conformismo e a indiferença por elementos de base, podendo, por suas qualidades intrínsecas, atrair multidões. Queremos, sim, constatar e afirmar que toda a sociedade nega o direito às elites de se outorgarem representantes dela. A história dos grupos humanos sempre é feita pelos grandes movimentos de homens e nunca por visionários ou grupos de visionários.

Este fato, entretanto, só é válido para períodos históricos longos, relativamente à natureza do movimento. A correta solução para os problemas da coletividade parte sempre de um grupo reduzido de indivíduos que, por sua cultura, inteligência, sensibilidade, percepção, ou qualquer outra qualidade mais desenvolvida, consegue encontrar a verdade antes que o restante dos homens. Nesta circunstância, de tempo, apesar de corresponder aos interesses gerais, o movimento pode estar condicionado a ser reduzido. Num outro caso ainda isto pode se dar. E' quando, apesar de já existir um período historicamente longo, o movimento não encontra condições amadurecidas para a sua existência como movimento de mas-

sas. A consciência por parte de um agrupamento está intimamente ligada às suas condições de vida material. Não se poderia pensar na planificação da produção antes que o capitalismo a desenvolvesse ao máximo, assim como não se poderia lutar pela liberdade econômica, através da redução das horas de trabalho, na época em que o homem tinha o dia todo tomado na produção do necessário para o seu sustento. E, muitas vezes, as conveniências materiais momentâneas, por serem mais facilmente perceptíveis, podem fazer com que um agrupamento social perca de vista seus interesses históricos. Apesar de o interesse histórico da pequena burguesia ser o advento do socialismo, que a libertará da opressão do grande capital, ao mesmo tempo que lhe dará estabilidade, seus interesses imediatos, advindo da condição de proprietários em que se encontra, leva-os a lutar por manter e aumentar sua propriedade.

Este é o problema do sionismo hoje, como solução para o problema do povo judeu, e dentro dele o do nosso movimento.

Estando o povo judeu espalhado por países das mais diversas condições de vida, desde e atrazadíssimo Yemem à desenvolvido América do Norte, a sua estabilidade econômica é a mais variada, dependendo sempre do estado da economia local.

No Brasil, país de industrialização recente, encontram os judeus condições estáveis de vida. O pequeno comércio e a pequena indústria de transformação, ramos aos quais a maioria deles se dedica, floresceram, principalmente durante a segunda guerra mundial e, ainda hoje, a concorrência das grandes empresas comerciais e industriais, não é tal que impeça a existência e desenvolvimento das pequenas. A vida econômica do ishuv é portanto, estável, e aparenta segurança eterna.

As manifestações ideológicas dessas condições aparecem, principalmente, na busca de posições sociais melhores, (universidades, círculos culturais, artísticos, etc), na tentativa de justificar a existência do Galut e a sua eternização, na crença da possibilidade de construção de uma vida nacional aqui e, finalmente, por consequência, na não disposição à Aliá. O sionismo teve que, devido às condições sociais e econômicas do Brasil, se ver transformado em movimento de poucos, elites, var-

guarda de realização do povo todo.

A comoção do fim da guerra, que trouxe o trágico balanço de seis milhões de judeus assassinados, o problema dos refugiados nos campos de prisioneiros, a proclamação do Estado de Israel e a guerra da Independência, fizeram oscilar a estabilidade judia e, por motivos emocionais, o sionismo esteve às portas de se tornar o movimento da massa do judaísmo. Todos foram atingidos, muitos se dispuseram à luta e ao auxílio, os movimentos chaltuzianos receberam grande afluxo de jovens.

Entretanto, mais uma vez os interesses momentâneos subjugaram os históricos, embora no caso estes contassem e seu favor com o sentimento e a simpatia de todos os judeus. Eles, entretanto, estavam demasiadamente enraizados no país para se deslocarem unicamente por razões sentimentais. A partir desta época, o sionismo entrou em crise, crise permanente, crise de movimento de massas que depende da condição de vida do grupo nacional que visa atingir.

O movimento acompanhou este processo, produto que é do mesmo meio. Ao super-crescimento dos anos de 1948-1949 seguiu-se uma crise que se tornou permanente dentro de nós, e que nos fez, a despeito de existirmos em função da juventude judaica brasileira, con-

tar com pequena parte dela; fez com que, apesar de nos definirmos como movimento de massas, por correspondermos a interesses gerais, tenhamos de nos ver reduzidos a uma minoria, que conseguiu antever o desenvolvimento das condições sociais através do estudo da história e de suas leis.

Consequimos, porém, evitar a histeria do período crítico, o desespero do fim não totalmente alcançado, o desânimo perante as posições da história. Constatamos e definimos nossa situação, nosso papel, e através deles mantemos acesas a fé e a confiança na certeza de nosso caminho e nos frutos de nosso trabalho.

Somos um movimento de massas que, embora obrigado a ser de vanguarda, mantém a aspiração permanente de vir a sê-lo.

O proselitismo e a expansão do movimento é preocupação constante e central. E a luta continua que travamos até conquistarmos a grande parte da juventude e cumprir com os nossos desígnios dentro dela. Somos revolucionários pelo simples fato de nossa existência dentro do ishuv. O somos muito mais pela nossa ação dentro dele. Traçamos o caminho, orientamos o sentido, criamos condições para a aliã de massas, que virá como consequência do desequilíbrio do judaísmo local.

(Conclusão da Pág. 18)

garin e foi juntar-se ao 1.º, então em Mefalsim. Resolveram, então, os 2 garinim em Eretz, em conjunto com o movimento no Brasil, criar um Kibutz próprio no Neguev; para isso seria necessária uma preparação melhor; daí decidiu o grupo todo ir para Afikim, um kibutz de organização eivada.

Em novembro de 1952 seguiu o grupo para o exército, para um período de 3 meses de exercícios militares no quartel; depois voltou para Afikim, (ainda sob jurisdição militar) como parte da vida militar da Nachal (juventude chaltuziana combatente), seção chaltuziana da Pzvá Haganá Leisrael, e assim fizeram os 9 meses de trabalho num kibutz.

Entretanto, em começo de 1952, chegou a Israel o 3.º garin, proveniente do Kibutz Hachshará Ein Dorot, passou ele um período de Hachshará no Kibutz Tel-Yossef e, no fim do ano, seguiram todos juntos para o Kibutz Eror-Chail.

Em julho de 1952 chegou o 4.º garin, que passa atualmente seu período de Hachshará no Kibutz Dovrat, para depois integrarem-se no kibutz brasileiro.

Como vemos, os constituintes do meshek estão suficientemente preparados, quer sob o ponto de vista profissional, quer sob o ponto de vista da língua, para fazer do meshek mais um ponto fundamental na vida do país.

Conta atualmente o kibutz com 120 chaverim, 20 pais de chaverim e 35 crianças (tendo mais 13 em caminho); com a vinda de próximos garinim do Brasil, seremos um grupo realmente forte que dará a Eror-Chail o tom de mais um baluarte no movimento kibutziano.

O kibutz se prepara para receber o 4.º garin que ora termina sua hachshará em Dovrat, dirigindo-se para um curso intensivo de ivrit, após o qual integrará em Eror-Chail. O mekasher (elemento de ligação), chaver Dov Einesman, apresentou relatório da situação do garin, far-se-á uma série de discussões acerca do caráter e orientação do movimento.

O kibutz está em franca atividade ideológica. Por ocasião da visita do chaver Miki, da Hanhagá Eilon, far-se-á a planificação dos seminários a serem desenvolvidos no meshek, através de imei-jun (dias de estudo). Foi constituído um chug ideológico, que conta já com grande número de chaverim inscritos.

PROCLAMAÇÃO DO EXECUTIVO DA HISTADRUT POR OCASIAO DO SEU

33.º ANIVERSARIO DE EXISTENCIA

A Histadrut é a organização comum de todos os operários de Israel

Nestes dias a Histadrut completa 33 anos de existencia, e no umbral deste ano ela é chamada a lançar todas as forças positivas de que é possuidora afim de executar com fidelidade a sua missão no seio do povo e no Estado, por que a Histadrut é a base do Estado, a sua força central, e em suas horas de crise e de provas difíceis, é ela quem primeiro surgirá em seu auxilio e em sua defesa.

Em consequencia das condições difíceis do Estado e de seus esforços no sentido de normalizar a sua situação econômica, criou-se o problema do desemprego e consigo toda a serie de difficuldades e de sofrimentos para a parte do operariado atingida por este.

A Histadrut, não pode ficar alheia a estas difficuldades do Estado e aos milhares de seus membros desempregados. Ela viu como seu dever marchar à frente na luta contra o desemprego por meios construtivos. Ela mobilizou grandes meios para a criação de possibilidades e de fontes novas de trabalho.

A Histadrut se congratule com o movimento «Da Cidade para o Campo», que ela organizou este ano, apresentando novamente perante os membros da Histadrut a aspiração para a colonização obreira na qual se materializou em essencia a grande revolução social de nossa vida, realizada pelo operario judeu.

Também este ano que passou foi um ano de crescimento e expansão: A agregação do Poalei Agudat Israel representa a sua aspiração permanente de se transformar na casa comum de todos os operarios judeus em Israel.

A agregação do operario arabe para os sindicatos trabalhistas da Histadrut é sinal de benção da vontade do movimento obreiro de Israel no sentido de integrar o Yshuv arabe na vida e na produção do Estado e da Histadrut em igualdade de direitos e deveres.

Neste ano, diminuiu a aliá, que anteriormente servia de fonte principal para o aumento da força da Histadrut, aparecendo com toda a sua pungencia o problema do trabalhador não organizado. Com todas as conquistas da Histadrut no campo da organização, ficaram ainda muitos operarios fora de suas fileiras. Eles constituirão um problema especial para as preocupações da Histadrut que redobrará os seus esforços afim de faze-los participar de suas atividades e de sua missão. Especialmente será orientada neste sentido a organização «Hanoar Haoved» com a finalidade de atrair, aproximar e organizar os milhares de jovens dos novos yshuvim, dos bairros de Olim e quarteirões pobres das cidades, servindo-lhes de defesa e educador, com a finalidade de elevar a sua vida economica, social e cultural. A Histadrut continuará encarando como seu dever principal o entrelaçamento dos interesses do operario nos interesses do Estado. Ela exigirá do Estado fazer progredir o valor e a força do operario judeu em Israel, da mesma forma que não cessará de convocar o operario para que não deixe de corresponder às exigencias do Estado nos seus esforços para a independencia economica e para o aumento da sua capacidade de produção. A Coletividade obreira segue com preocupação e tensão as tentativas de atingir a segurança e a missão do Estado de Israel. E' sua decisão inabalavel enfrentar corajosamente qualquer ataque de seus inimigos. Nesta comemoração, a Histadrut chama seus membros para rejuvenescimento e fortalecimento de sua união, para persistencia nos esforços de saneamento de sua economia, para a aprofundização dos valores do movimento e do seu espirito.

Que seja a Histadrut o órgão comum de todos os operarios de Israel para a consolidação do Estado de Israel, para congregação em seu seio das Diásporas de nosso povo e para a construção da sociedade do homem livre e criador no Estado de Israel Independente.



Aproximamo-nos da data da realização do 24.º Congresso Sionista, o 2.º desde a proclamação do Estado de Israel.

Com o advento do Estado, o movimento sionista, que foi o seu criador, vê-se perante uma nova situação e perante novas tarefas. O atual período para o movimento sionista, é um período de transição. É o período que corresponde à realização do ideal máximo do sionismo, a criação de um Estado soberano em Eretz Israel, e também a época em que o movimento sionista está à procura de novos rumos, que terão que ser seguidos, após a realização da principal etapa do sionismo. O Congresso Sionista, órgão supremo do movimento sionista, que foi o «Estado em Marcha», é a expressão livre e soberana, das aspirações e ideais de todos os judeus, para quem são caros os interesses do porvir do seu povo. Por isso tem que ser das mais vivas a participação do maior número possível de sionistas, nas eleições de delegados para o próximo Congresso Sionista, que sem dúvida terá importância fundamental no estabelecimento de novos rumos e na criação de novos instrumentos, que deverão estar à altura das necessidades de Israel e do povo judeu.

Para participar nessas eleições, é indispensável a apresentação do «SHEKEL», que é o documento formal da participação de um judeu nas fileiras do movimento sionista. A arrematação para as fileiras sionistas, das dezenas de milhares de seus simpatizantes, por meio do «SHEKEL», o documento de identidade sionista, deverá ser uma das próximas tarefas do movimento, em todo o Brasil, que para este fim deverá mobilizar o melhor de seus esforços e de sua capacidade organizacional.

**FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES
ISRAELITAS BRASILEIRAS DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

SEDE: — Praça Ramos de Azevedo, 302

(Palácio Trocadero)

EXPEDIENTE: — DAS 13 AS 17 HS.

SÃO PAULO ————— BRASILEIRO

O KEREN HAYESOD

- É o fundo central para a construção do país.
- Permite a absorção e a colonização em grande escala.
- Possibilita a participação do povo na resolução dos problemas de Israel.
- Empregou 170.000.000 libras desde a proclamação do Estado até 1952 nos seguintes setores:

Imigração e Absorção	72.000.000
Colonização Agrícola	70.000.000
Necessidades de Defesa	16.000.000

- Absorveu 707.000 imigrantes
 - 212.000 — maabarot e acampamentos de trabalho
 - 130.000 — cidades e moshavot
 - 124.000 — aldeias abandonadas
 - 110.000 — colônias agrícolas
- Fundou 298 novas colônias (180 para imigrantes); ampliou 50 para absorver a imigração; construiu 65.000 unidades de habitação.

KEREN HAYESOD — CAMPANHA UNIDA PRO-ISRAEL

**M O V E I S E
D E C O R A Ç Õ E S**

CASA PEKELMAN
Henrique Pekelman & Irmão

R. Vieira de Carvalho, 34
(Esq. R. Aurora)
Tel. 34-0695 — São Paulo

**CAPAS PLÁSTICAS
ELETRONICAS
SEM COSTURA**

B A C K
Vendas só por Atacado
Manufaturas BACK Ltda.
—oOo—
Rua 24 de Maio, 53 — 2.ª
Tel.: 32-9139
End. Tel.: «MANUBACK»
SAO PAULO

**A BOLSA MODELO
COMPLETO SORTIMENTO
DE BOLSAS PARA
SENHORAS**
Nacionais e Estrangeiras

—oOo—
R. Barão de Itapetininga, 236
Praça Patriarca, 30
Fone: 32-2445
SAO PAULO

ALFALATARIA IZAAK
Izaak Felsenfeld
Casemiras finas — Especiali-
dade em fERNOS sob medida
— Artigos finos para
Cavalheiros
—oOo—
R. Correia de Mello, 48
Telefones: 52-5401 — 37-9424
SAO PAULO

**ELETRO FERRAGENS
LTD.A.**
MATERIAIS ELETRICOS
EM GERAL
RÁDIOS E ACESSÓRIOS
APARELHOS DOMESTICOS
REFRIGERADORES
—oOo—
R. Libero Badaró, 619
Tels.: 36-321 — 36-7351
Caixa postal 5422
End. Tel.: «Eletroferragens»

**CASA PROGRESSO
A MAIS BARATEIRA DE
SAO PAULO**
Completo sortimento de
Móveis moderno.
Tapeçarias e outros artigos
do ramo
Depósito de Camas Patente
—oOo—
R. São Caetano, 149
Tel.: 36-4952
SAO PAULO

JOIA IOTEL
HENRIQUE OSTROWIECKI

R. Capitão Salomão, 92
(Esq. Lgo. Palssandu)
Tel.: 37-5734
End. Tel.: «JOIOTEL»
SAO PAULO

Confecções Finas para
Senhoras
Importadores e fabricantes de
afamados artigos para
Senhoras
**S. TYNKIELSZWARC
& FILHOS**

—oOo—
R. Prates, 300/324
Tel.: 34-6277
End. Tel.: «STYLFORM»
SAO PAULO

MOVEIS FELICIDADE

Falbel & Filho

SIMBOLO DE DURABILIDADE
MOVEIS E TAPEÇARIA

Rua 12 de Outubro, 612 — Lapa
Telefone: 5-0254 — (Chamar)

SÃO PAULO

PROGRAMA MOSAICO

A VOZ DA
COLETIVIDADE
ISRAELITA DE
SÃO PAULO

PELERIA LEIMAN

OFICINA ESPECIALIZADA
EM REFORMA, CONSER-
TOS E LIMPEZA DE PELES

Av. Ipiranga, 652 — Sobreloja

Tel. 34-8654

SÃO PAULO

TEXTIL TABACOW S/A

RUA BOA ESPERANÇA, 229

SÃO PAULO

ESCRITÓRIO TÉCNICO

Henrique G. Zwilling
INSTALAÇÕES HIDRAULI-
CAS ELÉTRICAS — AR
CONDICIONADO — PRO-
JETOS, FISCALIZAÇÕES,
EXECUÇÕES

Pr. D. José Gaspar, 30 — 20.º
Fone: 36-0673 — São Paulo

LINGERIE FINA

LINGERIE DALIA

Rua José Paulino, 565
SÃO PAULO

FARPAC LTDA.

Depósito de meias «CENTAU-
ROS» e «BICHINHO» — Len-
ços — Rendas e Bordados
Nacionais — Importação de
Rendas, Bordados, Rachine,
Chantily — Depósito de Tou-
lhas de Santa Catarina —
Fábrica de Guarda-Chuvas e
Sombrinhas — Artigos Finos

—oO—

RUA AURORA, 333

Tel. 34-8360

End. Tel.: «FARPAQUE»

SÃO PAULO

MALHARIA MASCOTE
ISSAC METZGUER

Rua Pe. Marchetti, 596
SÃO PAULO

SPIVACK & SCHNAIDER
LTDA.

T E R N O S
T E R N I N H O S
CAMISAS ESPORTE

Rua José Paulino, 42
Fone: 34-9202
SÃO PAULO

O COMITÊ CENTRAL DO POALEI SION HITACHDUT DO BRASIL
SAUDA SUA JUVENTUDE UNIDA QUE COMPLETA SEU 1.º ANO
DE VIDA, PRECONIZANDO-LHE UM FUTURO CHEIO DE VITÓRIAS
NO SEU CAMINHO DE REALIZAÇÃO

"פּיאָנערן-פּרויען" אַרנאַניאַציע אין בראַזיל

מיט פרייד באגלייטן מיר אייך יונגע חברים צום ערשטן יובל פון אייער
פאראייניקונג "דרור-גורדוניה" און "איחוד הנוער החלוצי", און ווינטשן אייך
צו פארווירקלעכן דעם אידעאל פון א שטארקע חלוצישע באוועגונג. לטובת
דעם אויפבוי פון מדינת ישראל אייך יסודות פון הגשמה עצמית.
חזקתנה ידכם צענטראל קאמיטעט בראזיל

O COMITÊ CENTRAL DA WIZO SAUDA O 1.º ANO DE UNIFICAÇÃO
DO DROR E GORDONIA, E CONCITA O ICHUD HANOAR HACHA-
LUTZI A PROSSEGUIR NA SUA MISSÃO CHALUTZIANA

ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA DO RIO GRANDE DO SUL CUMPRIMENTA O ICHUD HANOAR HACHALUTZI PELA PASSAGEM DE SEU 1.º ANIVERSARIO

AS PIONEIRAS JUDIAS DE PORTO ALEGRE CONGRATULAM-SE COM O ICHUD HANOAR HACHALUTZI PELO 1.º ANO DA UNIFICAÇÃO DO DROR COM O GORDONIA

O KEREN KAIMET LEISRAEL DE PORTO ALEGRE FELICITA O ICHUD HANOAR HACHALUTZI POR OCASIAO DA COMEMORAÇÃO DE SEU 1.º ANO DE EXISTENCIA

A MAGBIT DE PORTO ALEGRE ENVIA SUAS SAUDAÇÕES AO ICHUD HANOAR HACHALUTZI PELA PASSAGEM DE SEU 1.º ANIVERSARIO

A WIZO DE PORTO ALEGRE SAUDA A UNIAO DO DROR E GORDONIA POR OCASIAO DA PASSAGEM DO PRIMEIRO ANO DA DATA

BENJAMIN KERSZ SAUDA O 1.º ANIVERSARIO DO ICHUD HANOAR HACHALUTZI

DR. WALDEMAR CANTERGO CUMPRIMENTA O ICHUD HANOAR HACHALUTZI PELO SEU 1.º ANIVERSARIO

A YUNG WIZO DE PORTO ALEGRE SOLIDARIZA-SE COM O ICHUD HANOAR HACHALUTZI PELA PASSAGEM DE SEU ANIVERSARIO

O KEREN KAIMET LEISRAEL DE BELO HORIZONTE CONGRATULA-SE COM O ICHUD HANOAR HACHALUTZI NA EPOCA DE SEU 1.º ANIVERSARIO

PELA PASSAGEM DO 1.º ANIVERSARIO DO ICHUD HANOAR HACHALUTZI CONGRATULA-SE A ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA DE BELO HORIZONTE

FAMILIA KUSNER CONGRATULA-SE COM TERESITA E TOBIAS EM BROR — CHAIL

A WIZO DE BELO HORIZONTE SAUDA O ICHUD HACHALUTZI, DESEJANDO-LHE, NESTE SEU SEU 1.º ANIVERSARIO

ISAAC COHEN KRAISER E STERNIK MOISES ROSENBAUM CONGRATULAM-SE COM O KKL PELA PASSAGEM DO SEU 53.º ANIVERSARIO

ISRAEL E SARA CUTIN CONGRATULAM-SE COM GENI e MAURICIO KERSZ PELO NASCIMENTO DE SUA FILHINHA

FAMILIA JACOBSON CONGRATULA-SE COM SWETA E HANS PELO NASCIMENTO DE SEU PRIMOGENITO

INDICADOR PROFISSIONAL DR. JAIME KERSZ DENTISTA DR. SAMUEL GOLDFELD DENTISTA

O ICHUD HANOAR HACHALUTZI Congratula-se com os Srs. MOYSES E BERTA COSTA E FRANCISCO E EVA GHEINER pelo enlace matrimonial de seus filhos GENY e ISAAC, realizado em 19/12 no Rio de Janeiro

Móveis Belas Artes

CREAÇÕES MODERNAS DE ESTILO

Tapeçarias interiores

RUA XAVIER DE TOLEDO, 88 — FONE 34-4891 — SÃO PAULO

FABRICAÇÃO DE STORES
COLCHAS, JOGOS DE
CAMA E PANOS DE MESA
S. FLIT & IRMÃO
R. Três Rios, 270
Tel.: 34-0998
SÃO PAULO

INDÚSTRIA DE PAPEL LEON FEFFER S. A.
Av. Presidente Wilson — Telefone 3-0431

Jornais e Revistas
Nacionais e Es-
trangeiros — Li-
vros e Discos em
Idish — Artigos
de Paleopatria



J. WELTMAN
R. Ribeiro de Lima, 604
Tel.: 52-5309
SÃO PAULO

Tapeçaria Sul America

RUA STA. EFIGENIA, 187 — FONE 34-0975 — SÃO PAULO

EDITORA GUANABARA

Waissman, Koogan Ltda.

LIVROS DE MEDICINA E LITERATURA EM GERAL

Rio de Janeiro: Rua Ouvidor, 132 — Tels. 32-8483 e 32-8484

São Paulo: Rua Barão de Itapetininga, 275 — 4.º - Tel. 33-4773

Recife: I. Batista de Oliveira - R. Martins Junior, 91 - Tel. 2-713

Salvador: P. Castro Alves, 5 — 6.º s/6 — Ed. «A Tarde» —
Tel. 5-915

B. Horizonte: R. Tupinambá, 531 — 9.º — S. 912/913 —
Tel. 4-0644

Pôrto Alegre: Rua Dr. Flores, 71 — Sob. — Tel. 9-1232

Curitiba: Rua 15 de Novembro, 611 — Sob.

DAVID DAVIDSON
& CIA. LTDA.

REFRIGERADORES
RÁDIOS E TELEVISÃO

—oOo—

R. Miguel Couto, 124-D

Tel.: 43-1922

End. Tel.: «DAVIDSON»

RIO DE JANEIRO

«VECTOR»

ENGENHARIA LTDA.

CONSTRUÇÕES

PROJETOS

CÁLCULOS

INCORPORAÇÕES

Av. Franklin Roosevelt, 115

4.º Andar — Grupo 401

Tel.: 42-3420

RIO DE JANEIRO

OTBI

ORGANIZAÇÃO DE

TURISMO

BRASIL-ISRAEL

CONSULTE-NOS EM SUAS

VIAGENS A ISRAEL E

CHAMADAS DE

FAMILIARES

Av. Rio Branco, 151 — 16.º

Sala 1604

RIO DE JANEIRO

DR. SAMUEL MALAMUD

Advogado

—oOo—

R. do Carmo, 17 — 7.º And.

RIO DE JANEIRO

ARPER

FOLHAS DE MADEIRA E

COMPENSADAS

Arnaldo Schiper & Irmão

—oOo—

Praça 11 de Junho 26-A

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA E PAPELARIA

S. COHEN

Livros sobre todos os assuntos

Material Escolar e Para

Escritório

—oOo—

Praça da República, 76

Tel.: 43-3677

RIO DE JANEIRO

MAGAZINE

LEREX LTDA.

Artigos Finos para Homens

ALFAIATARIA

—oOo—

Av. Rio Branco, 251-A

Tels.: 22-8551 — 42-3837

RIO DE JANEIRO

LEIA A

IMPRESA ISRAELITA

אִיִּישׁע פֿרעסע

פראקטישע ייִדישע צייטונג אין בראַזיל

O JORNAL ISRAELITA DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO BRASIL

O COMITÉ DE AMIGOS DE HISTADRUT REGO-
ZIJA-SE COM A PASSAGEM DO 1.º ANIVERSÁRIO
DO ICHUD HANOAR HACHALUTZI
(DROR — GORDONIA)

O POALEI SION HITACH-
DUT DE S. PAULO SAUDA
O 1.º ANO DA UNIFICAÇÃO
DE SUAS JUVENTUDES
AUSPICIANDO UM INCRE-
MENTO NA BUSCA DO
IDEAL COMUM

A ORGANIZAÇÃO DA PIO-
NEIRA JUDIA DE S. PAULO
ENVIA FRATERNAL CUM-
PRIMENTO AO ICHUD HANOAR
HACHALUTZI POR
OCASIAO DO 1.º ANIVER-
SARIO DE EXISTENCIA

O POALEI SION HITACHDUT DO RIO DE
JANEIRO SAUDA O ICHUD HANOAR HACHA-
LUTZI PELO SEU ANIVERSARIO E VATICINA-
LHE A PERPETUADADE DE SUA POSIÇÃO VAN-
GARDEIRA NA REALIZAÇÃO

CALOROSAS SAUDAÇÕES AO ICHUD HANOAR
HANOAR HACHALUTZI PELA PASSAGEM DE
1.º ANIVERSÁRIO, AMPLO SUCESSO EM SUA
REALIZAÇÃO

A BIBLIOTECA BIALIK
ENVIA SUAS SAUDAÇÕES
AO ICHUD HANOAR HA-
CHALUTZI NA DATA DE
SEU PRIMEIRO ANO DE
EXISTENCIA

JACOB REICH

PERLIN & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO
SAUDAM O ICHUD HANOAR
HACHALUTZI DESE-
JANDO QUE PROSSIGAM
NA ELEVADA MISSAO QUE
ESCOLHERAM

O KIBUTZ BROR CHAIL
SAUDA O ICHUD HANOAR
HACHALUTZI NO SEU 1.º
ANO DE VIDA

CONGRATULAÇÕES AO
ICHUD HANOAR HACHA-
LUTZI PELA PASSAGEM
DO 1.º ANO DA UNIFICA-
ÇÃO DO DROR E GORDO-
NIA RUMO A UNIDADE
CHALUTZIANA TOTAL

LEIA E
ANUNCIE
NO

«O NOVO MOMENTO»

MILLY TEPERMAN

SAMUEL FRYDMAN
SAUDA O MOVIMENTO E O
KKL PELO SEU ANIVER-
SARIO

O GRUPO SIRKIN DE SÃO PAULO
REJUBILA-SE COM O
ICHUD HANOAR HACHALUTZI
NA PASSAGEM DE SEU 1.º ANO DE EXISTÊNCIA

TIPOGRAFIA E LIVRARIA EDITORA

«MONTE SCOPUS»

RUA GENERAL CALDWELL, 187

TELEFONE 43-8857

RIO DE JANEIRO

LIVROS DA SÉRIE "ISRAEL"

HISTÓRIA JUDAICA (S. Dubrov)

A BIBLIA

VULTOS JUDAICOS NO BRASIL

FESTAS DE ISRAEL

HAGADA DE PESSAH

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O ESTADO JUDEU

A REVOLTA DO GUETO

אלפר ליי דרוק-ארבעטן
קונסטראוקטיווע אויסגאבע — ביזקע פרויקט

L E I A E

D I F U N D A A

*Vanguarda
Juvenil*

Leia e Assine

O NOVO
MOMENTO



Tricot-la
SWEATER
ORIGINAL

PRODUTO DA INDÚSTRIA TRICOTÁ

דער נייער

מאמענט

IMPRESA HONESTA

AO SERVIÇO DE

IDEIAS HONESTAS



Kéren Kaiemet Leisrael

ISRAEL CONVOCA

Os dez mandamentos da Caixa "Azul e Branca"

- 1) EU SOU O PORTA-BANDEIRA DA REDENÇÃO JUDIA!
- 2) NÃO ME CONFUNDA COM OUTRAS CAIXAS!
- 3) COLOQUE-ME NUM LUGAR HONROSO E DESTACADO!
- 4) DIARIAMENTE, AO FAZER O BALANÇO DE SUAS CONTAS, PONHA EM MIM UMA MOEDA!
- 5) NÃO SE ESQUEÇA DE MIM AO COMER E BEBER, NO SOFRIMENTO E ALEGRIA!
- 6) CONTE A SEU FILHO QUAL A MINHA FINALIDADE EM SEU LAR!
- 7) NÃO SOU ESMOLER, POIS MINHA FINALIDADE É POSSIBILITAR A TODOS, SERVIREM A UM ELEVADO IDEAL E CONCRETIZA-LO!
- 8) AO VIR O REPRESENTANTE DO KÉREN KAIEMET LEISRAEL ESVASIAR-ME, RECEBA-O AMIGAVEL E HONROSAMENTE!
- 9) NÃO DIFICULTE O SEU TRABALHO SAGRADO, NÃO O FAÇA VOLTAR PELA SEGUNDA OU TERCEIRA VEZ, POIS VOCE CONHECE BASTANTE O SABOR AMARGO DO «VOLTE OUTRO DIA»...
- 10) OUÇA A MINHA VOZ, POR SER A VOZ DA CONSCIENCIA, A VOZ DO POVO, QUE ANSEIA POR SOLO, SOLO REDENTOR!

Coloque a Caixa Azul e Branca no
lugar mais destacado do seu lar

Diretório do

Kéren Kaiemet Leisrael

No Brasil

